



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
NÚCLEO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



MARIA ROSA GOMES DÓRIA

ELEMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA REPRESENTADOS NOS QUADRINHOS:
uma leitura do Bibliocomics.

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2014

MARIA ROSA GOMES DÓRIA

ELEMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA REPRESENTADOS NOS QUADRINHOS:
uma leitura do Bibliocomics.

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Biblioteconomia e Documentação, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Me. Fernando Bittencourt dos Santos

Linha de pesquisa: Produção e Organização da Informação

SÃO CRISTOVÃO – SE

2014

Ficha Catalográfica

Elaborada por Maria Rosa Gomes Dória (graduanda em Biblioteconomia)

Dória, Maria Rosa Gomes.

D752e Elementos da Biblioteconomia representados nos quadrinhos: uma leitura do bibliocomics./ Maria Rosa Gomes Dória. – São Cristóvão, SE: [s.n.], 2014. 72 p.; Il.

Orientador: Fernando Bittencourt dos Santos.

Monografia (graduação) – Universidade Federal de Sergipe, Núcleo da Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia e Documentação.

1 Representação da Informação. 2 Biblioteconomia. 3 Histórias em quadrinhos. 4 Blog Bibliocomics II Universidade Federal de Sergipe, Núcleo da Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia. III. Título.

CDU 02:741.5

MARIA ROSA GOMES DÓRIA

Monografia apresentada ao Núcleo de Ciência da
Informação da Universidade Federal de Sergipe
para obtenção do grau de bacharel em
Biblioteconomia e Documentação.

Nota:_____

Data de Apresentação:_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Me. Fernando Bittencourt dos Santos

(Orientador)

Prof.ª Ma. Glêyse Santos Santana

(Membro Convidado - Membro Interno)

Prof.ª Ma. Márcia Ivo Braz

(Membro Convidado - Interno)

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2014

Dedico as minhas princesas: MILENA, CAROL e CAMILI, que elas me vejam sempre como exemplo de dedicação, perseverança e intelectualidade e tenham orgulho de fazer parte da minha trajetória, pois pra mim é uma dádiva, um presente divino tê-las em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS pela oportunidade de existir e por ter me iluminado nas minhas escolhas, pois o que nos tornamos depende necessariamente das oportunidades e das escolhas que fazemos na vida.

A minha família, em especial a minha mãe, que sempre acreditou no meu potencial, a meu irmão, que ouve pacientemente as minhas lamentações e idealizações e a minha prima Cida, que me acolhe com muito carinho. A minha comadre Marcela, sempre presente na minha vida torcendo pela minha felicidade.

Aos amigos da universidade, ao Marcos (pai de meus filhos), a Ednaene que me acolheu várias vezes em sua residência, a Veronica, parceira de produção científica e encontros estudantis, aos demais biblioalunos da turma de 2010 e ao Édipo pelo seu senso crítico e olhar de telespectador.

Aos professores do NUCI, especialmente a Dr.^a Valéria Bari, responsável por despertar em mim o fascínio pela Ciência da Informação e me conduzido nos primeiros passos nesta área, e ao Fernando Bittencourt, meu amigo/orientador, o qual tem me conduzido nos últimos passos desta graduação, me dando apoio necessário para a produção deste trabalho, OBRIGADA Fê, você é o meu biblioanjo.

Aos bibliotecários Crisarles e Paulo Silva, os quais me orientaram com afinco no estágio curricular, uma fase muito importante da minha trajetória, na qual tive certeza da minha vocação profissional, graças à oportunidade que estes profissionais me deram.

Enfim, agradeço a todos que fazem parte da minha vida e que contribuíram de maneira relevante na minha formação acadêmica e na elaboração deste trabalho.

“O pequeno príncipe, que assistia ao surgimento de um enorme botão, pressentiu que dali sairia uma aparição miraculosa, mas a flor parecia nunca acabar de preparar sua beleza, no seu verde aposento. Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma suas pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. Ela queria aparecer no esplendor de sua beleza. Ah, sim! Era vaidosa. Sua misteriosa toalete, portanto, durante alguns dias. E eis que, numa manhã, justamente à hora do sol nascer, ela se mostrou.” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 29)

RESUMO

A representação da informação é uma das áreas mais importantes da Biblioteconomia, tendo em vista que os profissionais que trabalham diretamente com esta última precisam dominar os processos de análise e síntese na leitura de um determinado documento, visando sempre atender as necessidades informacionais dos usuários, quando este último busca a informação que necessita em uma unidade de informação, seja ela física ou virtual, de modo a recuperá-las com eficácia e no menor tempo possível. Dentro desta perspectiva e considerando que os quadrinhos são formas de representação da informação dentro de um contexto imagético-textual, o presente trabalho apresenta como objetivo geral: a análise da representação de alguns elementos da Biblioteconomia: o livro, a biblioteca e o bibliotecário, no universo das histórias em quadrinhos, a partir da leitura do Blog Bibliocomics. Constituem-se objetivos específicos: abordar a representação da informação no contexto da Biblioteconomia, bem como no universo dos quadrinhos; caracterizar as histórias em quadrinhos e suas contribuições para a área de Biblioteconomia, no que concerne a divulgação desta área; identificar os elementos da Biblioteconomia nos quadrinhos analisados e discutir se as imagens condizem com os aspectos reais do profissional bibliotecário. Quanto à metodologia, no que concerne aos objetivos, procedimentos e abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e qualitativa, respectivamente, onde foram analisados vinte e sete quadrinhos. Como resultados, constatamos que os quadrinhos analisados são capazes de divulgar características inerentes a Biblioteconomia, delineando aspectos culturais e sociais dos elementos livro, biblioteca e bibliotecário, aspectos estes que podem ser positivos e negativos, sob uma perspectiva cômica e reflexiva na leitura dos mesmos.

Palavras-chave: Representação da Informação. Biblioteconomia. História em quadrinhos. Blog Bibliocomics.

RÉSUMÉ

La représentation de l'information est l'un des domaines les plus importants de la bibliothéconomie afin que les professionnels qui travaillent directement avec ces derniers doivent maîtriser les processus d'analyse et de synthèse à lire un document, visant à répondre aux besoins d'information des utilisateurs lors de celui-ci vise l'information dont vous avez besoin dans une unité d'information, qu'elle soit physique ou virtuel, de les récupérer de manière efficace et dans les plus brefs délais. Dans cette perspective et considérant que les bandes dessinées sont des moyens de représentation de l'information dans un contexte d'image textuelle, ce document présente un objectif général: l'analyse de la représentation de certains éléments de la bibliothéconomie: le livre, la bibliothèque et le bibliothécaire dans l'univers de la bande dessinée, à la lecture de blogs Bibliocomics. Constituent des objectifs spécifiques: aborder la représentation de l'information dans le contexte de la bibliothéconomie, ainsi que dans l'univers de la bande dessinée, avec des bandes dessinées et de leurs contributions dans le domaine de la bibliothéconomie, en ce qui concerne la divulgation de ce domaine, d'identifier les éléments de la bibliothéconomie analysés dans la bande dessinée et de discuter si les images sont compatibles avec les aspects réels de la bibliothécaire professionnel. En ce qui concerne la méthodologie, en ce qui concerne les objectifs, les procédures et l'approche du problème, il est, une recherche qualitative et de la littérature descriptive, respectivement, où vingt-sept bandes dessinées ont été analysés. En conséquence, nous avons constaté que les bandes dessinées sont capables de diffuser caractéristiques analysées inhérents à la bibliothéconomie, en soulignant les aspects culturels et sociaux des éléments du livre, la bibliothèque et le bibliothécaire, les aspects qui peuvent être positifs ou négatifs, dans une perspective comique et de réflexion sur les lire.

Mots-clés: Représentation de l'information. Bibliothéconomie. Bandes dessinées. Blog Bibliocomics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA.....	13
2.1	Informação e conhecimento: um enfoque conceitual.....	13
2.2	Representação da Informação.....	17
2.3	Representação do Conhecimento.....	19
3	A BIBLIOTECONOMIA E ALGUNS DE SEUS ELEMENTOS.....	25
3.1	O livro.....	28
3.2	A biblioteca.....	32
3.3	O bibliotecário.....	36
4	O UNIVERSO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	39
4.1	Os elementos dos quadrinhos.....	41
4.2	Quadrinhos, Sociedade e Biblioteconomia.....	42
5	ANÁLISE DOS QUADRINHOS DO BIBLIOCOMICS.....	46
5.1	Caracterização do Bibliocomics.....	46
5.2	Análise individual dos quadrinhos.....	47
5.2.1	Quadrinhos representando o livro.....	47
5.2.2	Quadrinhos representando a biblioteca.....	53
5.2.3	Quadrinhos representando o bibliotecário.....	59
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS.....	69

1 INTRODUÇÃO

A representação da informação é uma das áreas mais importantes da Biblioteconomia, tendo em vista que os profissionais que trabalham diretamente com esta última precisam dominar os processos de análise e síntese na leitura de um determinado documento, visando sempre atender as necessidades informacionais dos usuários, quando este último busca a informação que necessita em uma unidade de informação, seja ela física ou virtual, de modo a recuperá-las com eficácia e no menor tempo possível.

Lima e Álvares (2012, p.35) corroboram com a afirmação anterior, afirmando que:

A representação da informação é importante objeto e trabalho dos arquivistas, bibliotecários, museólogos, dentre outros profissionais da informação. Eles precisam dominar os processos de análise e síntese dos documentos para gerar formas de representação que permitam identificá-los e recuperá-los a partir dos seus atributos e características principais.

Dentro desta perspectiva e considerando que os quadrinhos são formas de representação da informação dentro de um contexto imagético-textual, sendo que McCloud (2005, p.20) assinalada o conceito de histórias em quadrinhos como: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”, o presente trabalho de pesquisa apresenta como objetivo geral a análise da representação de alguns elementos da Biblioteconomia: o livro, a biblioteca e o bibliotecário, no universo das histórias em quadrinhos, a partir da leitura dos quadrinhos do Blog Bibliocomics¹, este último, representa muitas vezes com humor, o universo da Biblioteconomia.

Constituem-se objetivos específicos: Abordar a representação da informação no contexto da Biblioteconomia, bem como no universo dos quadrinhos; caracterizar as histórias em quadrinhos e suas contribuições para a área de Biblioteconomia, no que concerne a divulgação desta área; identificar os elementos da Biblioteconomia nos quadrinhos analisados e discutir se as imagens condizem com os aspectos reais do profissional bibliotecário.

A justificativa para a escolha desse tema se deve a apresentação de um artigo desta pesquisa, intitulado: “Elementos da Biblioteconomia no universo dos quadrinhos: uma análise Bibliocomics²”, publicado nos Anais do XVII Encontro Regional de Estudantes de

¹ Blog elaborado pelo Bibliotecário Alexandre Medeiros. Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/>

²DÓRIA, Maria Rosa Gomes. Elementos da Biblioteconomia no universo dos quadrinhos: uma análise do Bibliocomics. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2014, Fortaleza. *Anais...*Fortaleza: UFC, 2014. p. 1-14.

Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação das Regiões Norte e Nordeste (EREBD /N - NE) ocorrido em Fortaleza – Ceará, em fevereiro de 2014, apresentado no GT05 – Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

Apesar de o blog ser direcionado para a Biblioteconomia, a sociedade em geral pode ter acesso às informações ilustradas em seus quadrinhos, tendo em vista que o referido blog é de livre acesso, e ao fazer a leitura destes o indivíduo pode produzir uma imagem do mundo biblioteconômico de acordo com as informações que estão contidas nestas tirinhas de humor, podendo esta ser positiva ou negativa da profissão, que condizem ou não com a realidade desta última.

O tema “Quadrinhos” vem sendo abordado com frequência na área da Ciência da Informação. E o estudo destes, representando o contexto da Biblioteconomia é de grande relevância social e científica, pois não estará abordando somente o quadrinho em si, mas a representatividade de uma determinada ciência, ilustrada em um importante recurso informativo. Desta forma, temos a seguinte questão de pesquisa que norteia este trabalho: Como os elementos da Biblioteconomia: o livro, a biblioteca e o bibliotecário estão representados nos quadrinhos do blog Bibliocomics?

Os quadrinhos disponíveis no blog Bibliocomics apresentam vários elementos do universo biblioteconômico, tais como: a leitura, o livro, a internet, bem como as tecnologias da informação e comunicação (TIC), entre outros. Porém, nos limitamos a explorar três elementos do universo da Biblioteconomia, devido à representatividade e grande pertinência destes para esta área do conhecimento e também ao maior número de quadrinhos do blog, que representam estes elementos.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa se configura como descritiva, sendo que Cervo, Bervian e Da Silva (2007, p.61) assinalam que está última:

[...] observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas.

Dentro desta perspectiva, descreveremos as características dos quadrinhos selecionados no blog Bibliocomics, visando atender os objetivos propostos neste trabalho. Quanto à abordagem do problema, esta pesquisa se configura como qualitativa. O universo da

pesquisa é composto por 259 quadrinhos³, no qual selecionamos uma amostra de 10,4% (27) deste total, ficando assim delimitado:

- a) 9 (nove) quadrinhos sobre o livro;
- b) 9 (nove) quadrinhos sobre a biblioteca;
- c) 9 (nove) quadrinhos sobre bibliotecário.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa se configura como pesquisa bibliográfica, de material publicado em fontes impressas e eletrônicas, sendo que esta última pode ser abaixo delineada:

- a) Levantamento bibliográfico em nível nacional, em fontes bibliográficas primárias (livros, periódicos, anais de congressos, teses e dissertações e documentos eletrônicos da Internet, dentre outros documentos congêneres), secundárias (bases de dados textuais e referenciais como: Scielo, Brapci, Periódicos Capes, Febab, BDTD, dentre outras) e terciárias (bibliografias, catálogos coletivos, diretórios e outros) da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
- b) Seleção dos documentos a partir dos critérios de pertinência com relação aos assuntos principais desta pesquisa, no idioma português, com período de publicação limitado aos últimos dez anos, apenas como abordagem inicial, não havendo limitação cronológica para referências citadas nos documentos selecionados.
- c) Leituras e documentação dos textos selecionados, que possibilitaram a criação de um referencial teórico através do qual foi possível obter subsídios para um maior entendimento e compreensão mais detalhados sobre a temática dessa pesquisa.

Esta pesquisa se insere na Linha 4 (quatro) : “Produção e Organização da Informação” e está organizado em sete seções, incluindo a introdução, que são apresentados da seguinte forma:

Na seção um: “Introdução” apresenta-se os objetivos, justificativa, problemática e metodologia inerentes a esta pesquisa.

Na seção dois: “A Representação da Informação no contexto da Biblioteconomia” apresentamos uma revisão bibliográfica sobre esta área de estudo da Ciência da Informação, bem como o conceito de informação e conhecimento e a representação do conhecimento, dentro do âmbito das áreas de Biblioteconomia e C.I (Ciência da Informação).

³ O Blog Bibliocomics até o dia 16 de fevereiro de 2014, constava com 259 quadrinhos, período em que foi feita a análise dos mesmos, sendo que a periodicidade de inserção de novos quadrinhos não é corrente.

Na seção três: “A Biblioteconomia e alguns elementos”, apresentamos a caracterização dos elementos livro, biblioteca e bibliotecário, abordando aspectos históricos e atuais, bem como aspectos conceituais.

Na seção quatro: “O universo das histórias em quadrinhos” apresentamos a origem e evolução das histórias em quadrinhos e sua relação com a área de Biblioteconomia.

Na seção cinco: “Análise dos quadrinhos do Bibliocomics”, apresentamos a análise e discussão dos resultados alcançados nesta pesquisa.

Nas “Considerações finais”, abordamos a conclusão do trabalho, a partir do levantamento bibliográfico e da análise e discussão dos resultados.

A seguir, apresentaremos a seção dois: “A Representação da Informação no contexto da Biblioteconomia”.

2 A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA

Este capítulo apresenta uma revisão bibliográfica da Ciência da Informação pertinente à temática estudada. Aborda sinteticamente os conhecimentos básicos desta área, como por exemplo, a matéria prima, ou seja, o seu objeto de estudo, a informação, as suas funções práticas de representação e a sua abrangência. Descrevendo assim, conceitos relevantes da área, buscando atingir os objetivos propostos, expondo então a relevância da representação no contexto da Biblioteconomia.

2.1 Informação e conhecimento: um enfoque conceitual

A informação está presente em todos os lugares, seja em casa, na rua, na igreja, no comércio, vivemos cercados por informação e envolvidos por ela, seja pra informar ou se informar. O domínio das informações contribui para o exercício de nossa cidadania, pois, o acesso à informação nos instrumentaliza a conhecermos nosso papel na sociedade e lutarmos com coerência pelos nossos direitos, dignos de cidadão do mundo.

A informação é a matéria-prima da Biblioteconomia, é o combustível que alimenta, move e direciona esta área do conhecimento, sendo a diretriz crucial desta, é impossível descrever e compreender a Ciência da Informação sem embasamento conceitual da informação no contexto biblioteconômico.

Existem várias definições sobre o termo informação, a qual é conceituada de acordo com a área do conhecimento que esta se relaciona, pois a informação é multidisciplinar, ela pertence ao universo de diversas áreas do saber, e é definida segundo o foco de estudo da área com a qual ela se envolve. No entanto, neste texto a informação será apresentada no contexto da Ciência da Informação.

[...] a informação de que trata a Ciência da Informação não se restringe a documentos impressos, pode ser percebida em conversas entre cientistas e outros tipos de comunicação informacional. Ela se apresenta também em uma inovação para o setor produtivo, na forma de patente, fotografia ou objeto, no registro magnético de bases de dados, numa biblioteca virtual ou repositório na Internet. (OLIVEIRA, 2005, p.19)

Nesta área, a informação encontra-se presente em diversos suportes, e em todos eles, ela é passível de organização, representação e disseminação. Desse modo, entende-se que o profissional para analisar e trabalhar a informação nestes vários suportes, deve também

dominar as técnicas de manuseio destes, assim como também é fundamental que ele tenha clareza do que seja informação.

A informação origina-se de dados, e a partir de dados se produz informação. Entretanto, “a informação não é um dado. Ela se constrói no encontro de duas dinâmicas: a dinâmica de quem emite, de quem enuncia (o enunciador) e a dinâmica de quem recebe o enunciado (o enunciatário).” (CINTRA et al, 2002, p.10) Desse ponto de vista, para que uma informação seja transmitida com êxito, a dependência em relação aos sujeitos envolvidos é notória, principalmente no que tange a habilidade de quem a transmitirá, pois o mesmo deve conduzi-la de forma que esta faça sentido para quem a receberá.

Nesse contexto, é interessante citar que para Ruyer (1954 apud LE COADIC, 2004, p.5) “A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc.” Nesse sentido, para Le Coadic (2004, p.5) “[...] o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos aos seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento, e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura.” Entendem-se então, que o enunciatário assimilará a informação de acordo com seus conhecimentos prévios e sua familiaridade com o suporte no qual estará contida a informação.

A informação por si só seria vazia, sem sentido, sem significado e irrelevante. Contudo é na apreensão desta que os profissionais da informação e os usuários lhes dão a devida relevância, já que, o indivíduo interage com a informação.

Muitos autores consideram a informação como um resultado da interpretação do indivíduo. Isto é, o usuário é quem lhe confere importância e confiabilidade, sendo que a apreensão do dado e/ou fato se relaciona a um conhecimento preexistente do indivíduo. (OLIVEIRA, 2005, p.18)

Assim percebe-se, que a informação não se restringe em si mesma, ela engloba outros aspectos, tornando assim abrangente e adaptável. Ainda segundo (OLIVEIRA, 2005, p.19) “A informação é um fenômeno tão amplo que abrange todos os aspectos da vida em sociedade; pode ser abordado por diversas óticas, seja a comunicacional, a filosófica, a semiologia, a sociológica, a pragmática e outros.” Possibilitando então, que cada área faça a leitura desta, baseada nos seus fundamentos teóricos, ampliando assim o conceito de informação, o qual será definido de forma coerente com a área do conhecimento a qual usará este como objeto de estudo.

Vale ressaltar que a informação conduz a produção do conhecimento. Destacando-se assim, a informação e o conhecimento como primordiais para o desenvolvimento da sociedade, sem estes a humanidade ainda estaria presa à barbárie.

Há que se notar que a informação e o conhecimento estão presentes na sociedade, contribuindo para a evolução da humanidade. Sem o desenvolvimento do saber, o ser humano ainda viveria como os homens da idade da pedra.

O conhecimento da necessidade de informação permite compreender por que as pessoas se envolvem num processo de busca de informação. Exigência oriunda da vida social, exigência de saber, de comunicação, a necessidade de informação se diferencia das físicas que se originam de exigências resultantes da natureza, como dormir, comer, etc. (LE COADIC, 2004, p.39).

É através do conhecimento que se transforma a sociedade, a forma de vida do ser humano e as suas relações pessoais. Vale frisar, que “a informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento”. (LE COADIC, 2004, p.27) Assim, sabe-se que o conhecimento é um bem imaterial, mas de grande valia, o qual eleva o homem e o conduz a descobertas significativas.

O conhecimento é codificado quando registrado ou transmitido em forma de símbolos (por exemplo, a escrita ou o desenho) ou incorporado em formas tangíveis (maquinaria, ferramentas). Em certo sentido, mediante o processo de codificação, o conhecimento é reduzido à informação que pode ser transformada em conhecimento por aqueles indivíduos que têm acesso ao código ou esquema de análise adequada. Para o indivíduo, é necessário realizar um importante investimento inicial para adquirir o código adequado. (ROBREDO, 2003, p.21)

Na história da humanidade a informação encontra-se relacionada com poder. Nessa perspectiva, deter a informação e conhecimento era sinônimo de detenção de poder. “Ao longo do tempo percebe-se que a informação é vista como bem precioso e, dependendo dos valores sempre ideológicos que se lhe atribuem, seu compartilhamento é mais aberto ou mais fechado, em termos de filtragens, de acesso e de divulgação.” (BARROS, 2003, p.67). Assim, poucos tinham acesso à informação, ficando então a mercê de quem as dominava. Desta forma, “sem conhecimento, o homem permanece sempre muito próximo do polo dos que não percebem a extensão do mundo em que vivem em que circulam.” (CINTRA et al, 2002, p.10) O acesso à informação é um fator crucial para o exercício pleno da cidadania, pois o acesso a esta facilita o processo de participação dos indivíduos na sociedade, contribuindo para a conscientização destes no meio social.

O conceito de acessibilidade é amplo, envolve tanto o espaço físico, como os meios e instrumentos convencionais ou não, que propiciem o acesso do cidadão à informação. Todo o cidadão tem direito ao acesso à informação, e o suporte que irão armazená-la e disseminá-la deve ser adequado às limitações de cada grupo de indivíduos. Assim, a forma de

disseminação da informação deve ser ampla, não restrita somente à fala, à escrita, à imagem, ela deve transpor barreiras e chegar a todos, independentemente de suas limitações, sejam elas a surdez, a cegueira ou quaisquer outras.

Contudo, atualmente, apesar das políticas de acessibilidade e disponibilidade da informação, nem todos tem acesso à mesma, pois nem tudo que se encontra disponível está acessível a todos, pois existem várias barreiras, tais como: sociais, culturais, econômicas, psicobiológicas, as quais impedem que os indivíduos tenham acesso a determinadas informações.

A conversão da informação em conhecimento, sendo este um ato individual, requer a análise e a compreensão da informação, as quais requerem, por sua vez, o conhecimento prévio dos códigos de representação dos dados e dos conceitos transmitidos num processo de comunicação ou gravuras num suporte material. Ou seja, a incorporação de novas informações recebidas ao acervo individual de conhecimentos, mediante a mobilização dos recursos psicossomáticos adequados, é um ato (ou um processo) individual, natural, humano, que independe da tecnologia. (ROBREDO, 2003, p.12)

É interessante frisar que, o conhecimento é um dos sete saberes abordados pelo escritor francês Edgar Morin (2002, p.79) para ele “o conhecimento é uma tradução seguida de uma reconstrução.” Desta forma, entende - se que o conhecimento se renova, duas pessoas podem construir coisas diferentes a partir do mesmo conhecimento, pois cada um irá traduzir determinado conhecimento segundo a sua bagagem de vivências, reconstruindo assim o saber. Por isso, Edgar Morin (2002, p.83) reconhece que “ensinar àqueles que irão defrontar com o mundo onde tudo passa pelo conhecimento, pela informação veiculada em jornais, livros, manuais escolares, Internet é algo de fundamental importância.” Graças ao conhecimento acumulado e reconstruído pela humanidade que vivenciamos o advento das tecnologias da informação e comunicação.

A amplitude com que ocorre a codificação do conhecimento está intimamente ligada à tecnologia disponível. Das tabuletas de argila aos rolos de papiro, como suporte da escrita, ou do livro impresso à Internet como meio de publicação e difusão de materiais textuais e gráficos em geral, cada avanço tem aumentado a facilidade com que o conhecimento pode ser codificado e difundido. O computador é a mais recente ferramenta para a codificação, reduzindo o conhecimento a uma série de dígitos binários. (ROBREDO, 2003, p.24-25)

O conhecimento pode ser filosófico, religioso, senso comum ou conhecimento popular e científico. Entretanto, a informação e o conhecimento são indissociáveis, estão intrinsecamente ligados, pois a informação é considerada:

[...] um conjunto de signos – palavras, grupo de palavras, frases, imagens, números ou quaisquer outros signos – que tenha um sentido. Portanto, nossas representações se constituem em informação e por ela são constituídas. Em

síntese, tomando como base um conhecimento registrado, produzimos informações sobre ele, de modo a subsidiar o acesso das pessoas a este conhecimento. Consequentemente quando tratamos de ciência da informação, o fazemos como campo de estudo dos fatos, fenômenos e processos da produção, do registro e da transmissão de informações; entre outras, daquelas por nós produzidas sobre registros do conhecimento, que visa a universos de usuários. (MEY; SILVEIRA, 2009, p.2)

Diante do exposto, pode-se conceber que a informação gera conhecimento e que estes, para serem disseminados e recuperados de forma eficiente e eficaz, devem passar por um processo de organização e representação dos mesmos.

2.2 Representação da Informação

O ato de representar é uma atividade inerente ao homem, está presente na sociedade desde os primórdios da existência humana. O homem primitivo ao desenhar suas caçadas nas cavernas, estava representando seu cotidiano. A representação está fortemente impregnada no nosso dia a dia, estamos sempre representando algo, seja de maneira voluntária ou involuntária.

Representar objetos e conceitos na mente, manipular estas representações antes de agir na realidade de acordo com os resultados da manipulação mental prévia e socializar estas experiências, sob a forma de representações orais ou escritas, para outros membros da espécie, é uma das mais fundamentais características do gênero humano. (MARCONDES, 2001, p.61).

Tudo o que fazemos é resultante das nossas representações mentais, as quais geralmente estão acompanhadas de inferências fundamentadas nas experiências vividas. Desta forma, um objeto pode ser representado de diversas formas, de acordo com a leitura de mundo que o indivíduo possui. Ainda para Marcondes (2001, p.63): “a representação de experiências da vida diária e seu processamento mental permitem ao homem transcender as limitações de tempo e espaço”. Apesar de a representação estar presente desde o princípio da humanidade, ela é complexa, pois dependerá de diversos fatores, principalmente do arcabouço intelectual de quem a representa e do indivíduo que busca a informação representada.

Para McGarry (1999, p.11) “A informação deve ser ordenada, estruturada ou contida de alguma forma, senão permanecerá amorfa e inutilizável.” Dentro deste contexto, Furgeri

(2006, p.26) baseando-se neste autor pondera que “é necessário que a informação receba um tratamento para ser compreensível aos seres humanos, ela deve ser representada de alguma forma para que tenha sentido.” Por isso a representação da informação é relevante, havendo portanto a necessidade de profissionais específicos para a realização desta atividade.

Ainda segundo McGarry (1999, p.12) vale ressaltar que “A informação, portanto deve ter alguma forma de veículo. Este veículo deve possuir um atributo essencial para que possa ser compreendido pelo receptor.” Assim entende-se que a informação precisa de uma condução que assegura a sua trajetória do emissor até o receptor. Nesse processo de transmissão de informação, o autor classifica três veículos: sinais, símbolos e signos.

Os sinais nos alertam que algo está para acontecer. Continuando de acordo com McGarry (1999, p.12) “o sinal é uma forma de signo que enfatiza a necessidade de que será seguido por algum tipo de ação, e que requer algum tipo de reação do receptor [...] um sinal é comunicado de uma pessoa à outra para indicar que o momento de agir está próximo.” Por exemplo, a pessoa sente os sinais antes de fazer as necessidades fisiológicas, e esses sinais a impedem que ela os faça em lugar não específico.

Os signos induzem a presença de determinado evento. “O signo é um indício físico da presença imediata da coisa ou evento que a representa. A fumaça é indício de fogo; a queda do barômetro indica que o tempo piorou [...]” (McGARRY, 1999, p.12) A comunicação não verbal também é carregada de signos, um gesto corporal pode indicar algo.

Os símbolos têm significados e representatividade dentro do contexto no qual ele está inserido. “Os símbolos são um tipo especial de signo: representam um objeto, ideia ou evento; mas a intenção é causar o mesmo tipo de reação emocional como se o que representam estivesse presente.” (McGARRY, 1999, p.12) No trânsito é possível a identificação de diversos símbolos.

Ainda de acordo com McGarry (1999, p. 17), além destes três veículos citados, há outro, a linguagem, “o mais poderoso de todos os meios deve certamente ser a linguagem; mesmo assim é mais fácil dizer o que a linguagem faz do que dizer o que ela é. A linguagem é o veículo fundamental da comunicação humana.”, e nela inserem-se sinais, símbolos e signos.

Borko (1968 apud OLIVEIRA, 2005, p.16), define: “a Ciência da Informação como uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para aperfeiçoar sua acessibilidade e utilização.” Sem dúvida, o foco maior desta área é facilitar o acesso à informação, o qual é possível através das técnicas de organização e representação da informação.

De prática de organização, a ciência da informação tornou-se, portanto, uma ciência social rigorosa que se apoia em uma tecnologia também rigorosa. Tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e análise de seus processos de construção, comunicação e uso. (LE COADIC, 2004, p.25)

O tratamento da informação é de responsabilidade de determinada ciência, visto que, a informação não é algo tão simples, ela é complexa e precisa de tratamento específico para que seja representada de forma coesa e coerente, e assim as informações se tornarem relevantes para a sociedade.

A ciência da informação, preocupada em esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, situa-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural. (LE COADIC, 2004, p.19)

No entanto, a representação da informação só é possível, devido à utilização de padrões que permitem representar um objeto, de tal forma que a consulta a ele seja dispensável, ou seja, de acordo com as informações contidas na representação de um documento, o usuário só irá desprender energia para ler o documento representado, se este tiver relevância para si.

2.3 Representação do conhecimento

A representação do conhecimento acontece em diversas áreas do saber, entretanto, na Ciência da Informação, a representação é uma atividade crucial, seja no meio convencional ou virtual. Para Guimarães e Pinho (2008, p.81) “Representar o conhecimento e disponibilizá-lo para as diferentes culturas, fazendo que essas reconheçam suas crenças no sistema de representação é o desafio da área.” A recuperação da informação pelos usuários depende exclusivamente da representação elaborada pelo profissional da informação.

A Ciência da Informação é uma ciência recente, a qual surgiu com o objetivo de solucionar os problemas inerentes à organização e representação do conhecimento, visto que, por virtude da Segunda Guerra Mundial, o conhecimento cresceu aceleradamente e sem uma ciência para cuidar necessariamente da informação, a mesma teria dificuldade de ser disseminada na sociedade. No entanto, precisar o surgimento de uma nova ciência não é tarefa

fácil, pois a mesma não nasce numa maternidade, com local e responsável pela mesma, ela surge em contexto diante de uma necessidade.

A ênfase nessa atividade que veio a se denominar Ciência da Informação deve-se ao seu esforço para enfrentar os problemas de organização, crescimento e disseminação do conhecimento registrado, que vem ocorrendo em proporções geométricas, desde logo após a Segunda Grande Guerra Mundial. Nesse sentido, a Ciência da Informação nasceu para resolver um grande problema, que foi também a grande preocupação tanto da Documentação quanto da Recuperação da Informação, que é reunir, organizar e tornar acessível o conhecimento cultural, científico e tecnológico em todo o mundo. (OLIVEIRA, 2005, p.13)

Por ser nova, esta ciência encontra-se em fase de construção, buscando aprimorar as teorias existentes sobre sua área de atuação, como também a análise e fundamentação de seu objeto de estudo, a informação.

[...] na ótica da Ciência da Informação, o objeto “informação” é uma representação. Como é uma representação do conhecimento, que já é uma representação do real, ela se torna uma representação de representação. Por isso, a informação é objeto complexo, flexível, mutável, de difícil apreensão, sendo que essa importância e relevância estão ligadas ao seu uso. (OLIVEIRA, 2005, p.18)

No âmbito desta ciência, pode-se observar que diversas disciplinas trabalham com a Ciência da Informação, dentre elas destacam-se: “[...] Biblioteconomia, Ciência da Computação, Comunicação Social, Administração, Linguística, Psicologia, Lógica, Matemática, Filosofia, Epistemologia.” (OLIVEIRA, 2005, p.20) As quais conversam entre si, englobando aspectos relevantes que aprimoram esta ciência. Por sua vez, define-se que “[...] a Ciência da Informação é um conjunto de teorias e práticas e, como campo científico, produz intercâmbio com outras disciplinas. Uma delas é a Biblioteconomia, área com a qual ela tem falado mais de perto, pelo menos na realidade brasileira.” (OLIVEIRA, 2005, p.21)

A Biblioteconomia não está solta no universo, não caminha sozinha, ela está dentro de um contexto mais amplo e complexo, a Ciência da Informação, a qual engloba a Museologia, a Documentação, a Arquivologia e outras. Mesmo assim deve-se diferenciar cada uma dessas disciplinas com a ciência a qual se encontra envolvida.

[...] afirmamos que a Biblioteconomia, mesmo não sendo considerada uma ciência (embora não seja uma concepção unânime) possui o arcabouço teórico-científico da Ciência da Informação para desenvolver as atividades em seus campos de estudo (a organização e representação da informação através das bibliotecas ou mesmo outras unidades de informação, visando oferecer acesso a uma gama de usuários). (SILVA, 2012, p.69)

Outro aspecto a ser considerado é a interação entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, do ponto de vista do que une as duas, sem necessariamente ocorrer uma hierarquia entre elas.

A Ciência da Informação não é uma evolução da Biblioteconomia, conforme a crença de alguns autores, uma vez que cada uma delas se baseia em orientações paradigmáticas diferenciadas. As teorias da Ciência da Informação aliadas às novas tecnologias de informação vêm contribuindo com novas práticas e serviços bibliotecários. (OLIVEIRA, 2005, p.21)

Os profissionais desta ciência são considerados cientistas da informação, em virtude das suas atividades, as quais concernem em organizar o conhecimento científico e tecnológico, para que estes embasem os pesquisadores, proporcionando assim o aprimoramento do conhecimento.

[...] a atuação profissional no âmbito da representação do conhecimento é necessária para que o usuário tenha ciência dos documentos existentes e da diversidade dos assuntos e suas abordagens. Isso revela que essa atividade não é meramente técnica, como se pensava antes, mas sim uma atividade intelectual que exige por parte do profissional uma postura consciente e crítica, além de pleno conhecimento registrado e socializado. (GUIMARÃES; PINHO, 2008, p.69)

Na Biblioteconomia, a representação fundamenta o fazer biblioteconômico. O bibliotecário realiza a representação tendo como objetivos: registrar a existência do documento, indicar sua localização, proporcionando assim, a disseminação e a recuperação deste.

Como se tornaria impossível aos usuários das bibliotecas, para escolher do mais conveniente, folhear todos os livros, ouvir todos os discos, ou manusear todas as outras formas de registro disponíveis no acervo, mesmo que os itens estivessem ampla e corretamente organizados, nós, bibliotecários, elaboramos representações desses itens, de forma a simplificar a busca. Essas representações abrangem tanto o aspecto físico dos itens como seu conteúdo. Com essas representações criamos instrumentos diversos: bibliografias, catálogos, boletins de serviço de alerta, entre outros. (MEY; SILVEIRA, 2009, p.2)

Mesmo que o profissional bibliotecário elabore uma excelente representação sobre determinado documento, o usuário medirá sua relevância de acordo com diversos critérios. Desta forma, a representação não é exata, ela é mutável, pois cada indivíduo pode ter um olhar diferenciado para o mesmo objeto. Enfim, a representação depende da ótica de todos os envolvidos neste processo.

[...] ao profissional da informação cabe o encargo de assegurar a diversidade de acesso às informações culturais e pessoais, em que atuam no sentido de projetar, avaliar, dar manutenção e revisar os sistemas de organização e

representação do conhecimento, de forma que esses sistemas se ajustem aos princípios éticos. (GUIMARÃES; PINHO, 2008, p.72)

O conhecimento é representado através de alguns mecanismos de organização e tratamento da informação, tais como: a classificação, a catalogação e a indexação.

O ato de classificar é inerente ao ser humano, pois está ligada diretamente ao processo da sua estrutura mental. No cotidiano praticamos com frequência a classificação sem nos darmos conta disso. Por exemplo: ao organizar uma casa, uma bolsa, um armário, um caderno, uma geladeira, os arquivos do computador, estamos classificando segundo uma ideia pré-estabelecida pela nossa mente. Percebe-se então, que todos nós temos capacidade mental para classificarmos.

Classificar também fez parte das preocupações dos filósofos, eles conceituaram formas de classificar o conhecimento adquirido da humanidade. Platão agrupou o conhecimento em Física, Ética e Lógica, por sua vez, Aristóteles os agrupou em Ética (economia, política, direito) Artes recreativas e Teoria (matemática, física e teologia).

Entretanto, classificar não é um processo simples e aleatório. “Classificar é dividir em grupos ou classes, segundo suas diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos.” (PIEDEDE, 1983, p.16) Propiciando à arrumação, o agrupamento, a ordenação, permitindo dar sentido prático de localização das informações, dentro de uma determinada ordem que seja adequada para o que está sendo classificado.

A classificação é uma representação temática, envolve o tema, o assunto, ela deve partir do geral para o específico, ou seja, do todo para parte, levando em consideração a abrangência do todo de cada assunto. Para classificar é preciso formar classes, estabelecendo conexões entre elas, visto que uma classe poderá conter outra classe, podendo ou não depender uma da outra, estabelecendo ou não hierarquia entre elas, formando assim diversos tipos de classes com características distintas.

No âmbito biblioteconômico, há vários sistemas de classificação, os quais devem estabelecer relações hierárquicas, de associação e sintáticas. Dentre eles, destacam-se: Classificação Decimal de Dewey, Classificação Decimal Universal, Classificação da Biblioteca do Congresso, Classificação Facetada, Classificação Bibliográfica de Brils e outras.

A Classificação Decimal Universal é uma muito utilizada, pois ela baseia-se em Dewey. Ela é expandida por tabelas auxiliares, divide-se em 10(dez) classes: 0(zero)- generalidades, 1(um)- filosofia, 2(dois)- religião, 3(três)- ciências sociais, 5(cinco)- ciências

naturais, 6(seis)- ciências aplicadas, 7(sete)-artes e esporte, 8(oito)-literatura ficcional e linguística, 9(nove)- história, geografia e biografia, a classe 4(quatro) está vaga a espera da expansão do conhecimento. Cada notação é feita por um algarismo e não por três. Cada classe se subdivide em classes de dois algarismos e assim sucessivamente. Coloca-se ponto de três em três dígitos. Sua estrutura consta tabelas principais, auxiliares e índice alfabético.

A catalogação é a representação descritiva da informação, ela embasa a biblioteconomia, sendo responsável em descrever o item, trabalha com a forma e propicia o conteúdo, representando o documento na íntegra e individualizando - o para facilitar a recuperação.

A catalogação, ou representação bibliográfica, consiste em um conjunto de informações que simbolizam um registro do conhecimento. Sabendo que esta representação não é um trabalho mecânico, pois implica o levantamento das características desse registro e a cognição das características do usuário, pode-se definir catalogação como: O estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir a intersecção entre as mensagens contidas nestes registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários. (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 7)

A forma mais convencional de representar é através da ficha catalográfica manual, contudo com o advento das tecnologias, a catalogação passou a ser automatizada, tendo como diretriz de embasamento a catalogação convencional. O catálogo automatizado é fundamentado no Marc 21, proporcionando mais facilidade, tanto para o usuário, como para o bibliotecário. Visto que, o mesmo pode ser consultado por qualquer pessoa, independente da localidade.

[...] o bibliotecário se comunica com seus colegas intelectuais utilizando um vocabulário apropriado, inclusive acrogramas criados para identificar seus objetivos e seus instrumentos de trabalho. Um código de catalogação é um livro que reúne um conjunto de regras com aplicação limitada, ligado essencialmente ao mundo dos bibliotecários. É um objeto físico, porque é um instrumento de trabalho. (BARBOSA, 1978, p.140)

A catalogação abrange a identificação de alguns elementos do documento, tais como: título, autor, edição, local de publicação e outros. Vale ressaltar que o catalogador deve oferecer informações significativas, relevantes, representando o documento de forma coerente e concisa, contribuindo então para um bom desenvolvimento da unidade de informação.

A indexação representa o conteúdo intelectual, ou seja, os conteúdos técnicos científicos, proporcionando a recuperação da informação em qualquer ambiente para o usuário e para o bibliotecário. Segundo Lancaster (2004, p. 1) “[...] os processos de indexação identificam o assunto de que trata o documento; e o resumo serve para sintetizar o conteúdo

do item.” Para indexar é preciso ler o documento ou parte dele, porém, há normas e regras que determinam e orientam a indexação que deve ser fiel ao conteúdo do documento, utilizando vocabulários controlados. A indexação compreende resumos, índices, tesauros, cabeçalhos de assunto e ontologia. A indexação pode ser do tipo intelectual (indexação manual), por atribuição (semi-automática) e por extração (automática). Quando ela for elaborada pelo indexador ela é considerada pré-coordenada, e no sistema ela é definida como pós-coordenada.

A indexação de assuntos e a redação de resumos são atividades intimamente relacionadas, pois ambas implicam a preparação de uma representação do conteúdo temático dos documentos. O resumidor redige uma descrição narrativa ou síntese do documento e o indexador descreve seu conteúdo ao empregar um ou vários termos de indexação, comumente selecionados de algum tipo de vocabulário controlado. (LANCASTER, 2004, p.6)

No que tange aos fatores ligados à indexação os quais influenciam diretamente no desenvolvimento e qualidade da mesma, concernem os ligados ao indexador, ao documento, à linguagem documentária, ao processo e ao ambiente. Estes fatores contribuirão decisivamente no processo de indexação.

Este capítulo forneceu embasamento conceitual concernente à representação da informação na Ciência da Informação, destacando principalmente a perspectiva da Biblioteconomia. Expondo conceitos básicos e relevantes para a análise do objeto de estudo deste trabalho. O próximo capítulo abordará elementos do âmbito biblioteconômico. Assim, a representação tratada neste capítulo e os elementos da Biblioteconomia, que serão descritos no próximo, nortearão a leitura e análise do blog Bibliocomics. A seguir, apresentaremos a seção três: “A Biblioteconomia e alguns de seus elementos”.

3 A BIBLIOTECONOMIA E ALGUNS DE SEUS ELEMENTOS

Ao falar de Biblioteconomia não é difícil se deparar com desconhecimento alheio sobre o que se trata esta área, é comum ouvir coisas do tipo: O que é isso? Ah! É um curso de economia? Isso trabalha com que? Diante de indagações como estas, percebe-se que apesar desta área ser de extrema importância para a evolução cultural, científica e intelectual da humanidade ela ainda é desconhecida por muitos. Mas porque será que muitas a desconhecem, ela é nova? Desde quando ela existe no mundo e no Brasil? Qual é seu objeto de estudo?

Então, tudo tem um começo, as coisas não surgem do nada, e isso não seria diferente com a Biblioteconomia, o surgimento desta área acontece dentro de determinado contexto sócio-histórico, o qual criou a necessidade desta existir. Oliveira (2005, p.10) registra a gênese desta área, apontando que:

Com a Revolução Industrial deflagrada em toda a Europa e nos Estados Unidos, no final do século XIX, a quantidade de informações registradas cresceu de forma assustadora, e várias tentativas foram feitas para realizar um levantamento bibliográfico universal. A iniciativa mais importante foi assumida pelos advogados belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, que acreditavam poder solucionar o problema que era o de levar ao conhecimento de cientistas e interessados toda a literatura científica e todos os produtos do conhecimento gerados no mundo. Para isso planejaram a criação de uma biblioteca universal a fim de divulgar, em fichas, os dados bibliográficos relativos a todos os documentos indexados. A biblioteca universal seria de referência dos produtos e não da reunião de acervos. Para coordenar tais atividades foi criado o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), que começou a criar ferramentas para registrar, de forma sistemática e padronizada, as referências dos documentos.

Há que se notar que é imprescindível a contribuição destes advogados no contexto biblioteconômico, tornando-se marcos da história e, sobretudo para o desenvolvimento da Biblioteconomia no âmbito mundial. Percebe-se que a iniciativa destes teóricos surgiu de uma necessidade da época, a organização da informação, a qual teve um aumento relevante no contexto histórico citado acima.

No Brasil, é difícil precisar a data de surgimento da Biblioteconomia, pois “não existe uma data ou um momento certo para a chegada da Biblioteconomia no Brasil. Alguns analisam a Biblioteconomia a partir da Biblioteca Nacional, quando o Brasil teve como marca a conquista de sua independência política.” (SILVA, 2012, p.18) Por sua vez, “alguns estudiosos procuram enfatizar a Biblioteconomia desde as suas raízes inspiradas no estilo europeu a partir da década de 80, século XIX. Porém, outros estudiosos avaliam as razões da Biblioteconomia já nas primeiras décadas do século XX.” (SILVA, 2012, p.19) Desse modo,

compreende-se que a Biblioteconomia foi introduzida timidamente no cenário brasileiro e por isso não há consenso entre os autores da área em relação a origem precisa desta no Brasil.

Entretanto, houve alguns eventos que destacaram a Biblioteconomia no cenário brasileiro. Dentre eles, vale registrar o que ocorreu:

[...] em 1953 o primeiro Congresso de Bibliotecas do Distrito Federal e em 1954 o Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia – CBBD e atualmente Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, atingindo em 2007 a sua 22ª edição. No contexto brasileiro, esse evento veio a se transformar no principal conclave profissional, técnico e científico, reunindo profissionais de Biblioteconomia e áreas afins atuantes no País e também, profissionais vindos do exterior. (SOUZA, 2009, p.67)

Desta forma, os eventos deste nível, favoreceram o destaque da Biblioteconomia no cenário nacional, sendo então divulgadas as atividades inerentes a esta área, como também o profissional que trabalha nesta.

É interessante frisar que no princípio a Biblioteconomia implantada no Brasil seguia os moldes franceses da “*École Nationale de Chartes*”, entretanto, posteriormente ela veio a passar por forte influencia norte – americana. Souza (2009, p. 54) aponta “o pragmatismo dos estados Unidos da América embriagava os intelectuais brasileiros que visitavam ou estudavam naquele país. Mesmo os indivíduos mais nacionalistas ou de sólida formação europeia submetiam-se ao encantamento da América.” Contribuindo decisivamente no fortalecimento da fundamentação da identidade da Biblioteconomia brasileira.

A identidade possui também suas marcas, que estão estampadas ou escondidas em determinado estudo (no caso a Biblioteconomia brasileira). Estas marcas biblioteconômicas estão relacionadas ao seu contexto histórico, há necessidade de um profissional para trabalhar com o registro informacional, à evolução das bibliotecas. Tem relação com aquela marca que identifica a Biblioteconomia em todo território nacional, seja por símbolos, frases ou conceitos. Enfim, a identidade biblioteconômica precisa ser analisada de maneira mais profunda, pois é com ela que os aspectos teóricos e reflexões da área e, conseqüentemente o seu fazer profissional terão sentido para a classe biblioteconômica e para a sociedade. (SILVA, 2012, p.17)

Mas o que realmente é a Biblioteconomia, como ela é conceituada? Le Coadic (2004, p. 12) a define como a “união de duas palavras, biblioteca e economia (esta no sentido de organização, administração, gestão), a biblioteconomia não é nem ciência, nem uma tecnologia rigorosa, mas uma prática de organização: a arte de organizar bibliotecas.” Adicionalmente, a respeito da conceituação sobre a Biblioteconomia vale ressaltar que:

Podemos ainda conceber o conceito de Biblioteconomia relacionando aos contextos epistemológicos e etimológicos que está dividido em três palavras: biblio-teca-nomia. O primeiro está associado a livros, enquanto o segundo é

relativo à caixa (algo que arranja, arruma ou organiza) e o terceiro quer dizer norma, isto é norma estabelecida para um determinado fim. (SILVA, 2012, p.63)

Percebemos assim, que estes autores conceituam a biblioteconomia de forma etimológica e a consideram a organização da informação uma verdadeira arte, frisando assim, mas a parte prática do que a teórica. Nesse contexto, baseado nos autores acima é possível compreender a Biblioteconomia, como uma área que envolve necessariamente a organização do conhecimento registrado, baseados em normas, as quais possuem determinada finalidade. Ainda sobre a conceituação desta área, afirma-se que:

A palavra biblioteconomia é composta por três elementos gregos- *biblíon* (livro) + *théke* (caixa) + *nomos* (regra) – aos quais juntou-se o sufixo *ia*. Etimologicamente, portanto, biblioteconomia é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios. (FONSECA, 2007, p. 1)

No que diz respeito ao objeto de estudo da Biblioteconomia, destaca-se a informação, esta é a mola mestra desta área, sem informação não há conhecimento, e sem este não teria necessidade do surgimento desta área. Pois, a biblioteconomia surgiu da necessidade de organizar as informações produzidas pela humanidade, para que estas não ficassem soltas, desorganizadas e inacessíveis. Então esta área veio para organizar e tratar as informações registradas, proporcionando então a disseminação e a recuperação destas. Entretanto, o objeto de estudo desta área, não se apresenta de forma clara e fácil percepção.

A reflexão sobre o objeto de estudo da Biblioteconomia assusta tanto a sociedade, como os próprios integrantes da Biblioteconomia, desde estudantes, profissionais, órgãos de classes até os professores. Porém, esse aparente susto por parte da própria área e saber como aplicá-lo na caminhada profissional e/ou acadêmica. É sabido que um objeto de estudo não pode ser meramente determinado por frases ou abordagens vagas, mas com reflexões teoricamente embasadas. O principal fator para a caracterização desse objeto de estudo é que ele esteja sendo estudado, analisado com frequência nos currículos de nível superior, especialmente no setor de Fundamentação Teórica da Biblioteconomia e da Ciência da informação, além de que esteja sendo aplicado no mercado. (SILVA, 2012, p. 54)

Assim, é possível observar a preocupação deste teórico em relação ao objeto de estudo da Biblioteconomia. Denota-se então, que a informação, enquanto objeto de estudo, ela precisa está presente nas discussões acadêmicas, seja na formação do profissional da informação, assim como também deve fazer parte das temáticas discutidas nos eventos da área, ou seja, ela deve ser frequentemente estudada, analisada, para que se mantenha atual e acompanhe as demandas advindas da sociedade.

O indiano Ranganathan, considerado o pai da Biblioteconomia, elaborou cinco leis que regem esta área: os livros são para ser usados, todo leitor tem seu livro, todo livro tem seu leitor, poupe o tempo do leitor, toda a biblioteca é um organismo em crescimento.

De certo modo, a Biblioteconomia trabalha com o arcabouço cultural registrado em suportes e se relaciona com o capital intelectual. Ela possui cunho liberal, pois para ela o indivíduo é importante, considera que há diferença entre a fé e razão, como também busca preservar todo tipo de conhecimento e o bem estar social. Ela também possui cunho humanista, pois se fundamentam nos ideais de dignidade, liberdade, ética e igualdade.

3.1 O livro

Ao falar de livro é interessante mencionar o filme “Os fantásticos livros voadores do Senhor Lessmore”, é um curta metragem francês que mostra uma história extremamente fascinante. Apesar de apresentar só imagens, ele consegue transmitir claramente a importância do livro e leitura na vida do ser humano. Através deste filme, percebe-se que o ato de ler pode transformar nossas vidas, provocar uma tempestade de dúvidas e conhecimentos, nos deslocar pra vários lugares, nos despertar sentimentos, nos fazer dormir, sonhar, dançar e transformar nossas vidas.

Ainda de acordo com este filme, vale frisar, que nem todos os livros são capazes de voar e fazer as pessoas voarem, somente os que possuem bom conteúdo possuem esta capacidade. Um exemplo disso é a parte do filme em que o Senhor Lessmore vê uma garota voando com uns livros, e ele joga pra cima o seu livro com a intenção que ele voe também, entretanto seu livro ainda está em branco e por isso não possui a capacidade de voar, ele cai no chão. No entanto a menina lhe dá um livro interessante, o qual o conduz a uma magnífica Biblioteca, neste lugar o Senhor Lessmore vive uma experiência belíssima com o fascinante mundo da leitura, na qual, ele socializa o conhecimento com outras pessoas por meio da distribuição de livro.

O livro é um dos principais suportes para armazenamento e disseminação da informação e do conhecimento produzido pela humanidade, no decorrer de sua existência ele passou por transformações físicas no que concerne ao seu formato e às substâncias utilizadas no seu processo de fabricação.

Tanto em Línguas neolatinas como nas anglo-saxônicas a etimologia da palavra livro indica o material com que se fabricava o papel na antiguidade, isto é, a entrecasca de certos vegetais que, transformam em pasta, adquire a forma laminada. Livro em português, *libro* em espanhol e italiano, *livre* em francês têm a raiz latina *líber*, *libri*; *book* em inglês e *Buch* em alemão têm a raiz grega *biblos* e *biblíon*. Ensinam os lexicógrafos que a palavra livro data, em nossa língua, do século XIII. (FONSECA, 2007, p.21)

Um livro não é apenas um recurso informacional, ele tem vida, ele respira, tem um coração que é o conhecimento, mas profundo que ele pretende passar, sendo assim, ele precisa de cuidados básicos e em algumas situações chega a precisar de cuidados mais específicos.

Ele é considerado um veículo de comunicação, pois o livro em si emite mensagem e quem faz a leitura deste é considerado o receptor. Contudo o livro é muito mais abrangente que um veículo.

O livro artisticamente concebido e realizado- objeto de contemplação e não apenas veículo de comunicação – deve muito, no Brasil, à sensibilidade e dedicação de artistas gráficos, alguns dos quais detentores de prelos manuais. Há uma bibliofilia estática e outra dinâmica. Estática é a bibliofilia dos que se contentam em colecionar livros preciosos. A bibliofilia dinâmica pode ser descritiva ou operativa. Descritiva é a bibliofilia dos que, além do prazer de colecionar, se entregam à paciência beneditina de referenciar e comentar [...] (FONSECA, 2007, p.38)

No intuito de tornar o suporte da escrita manuseável, foram desenvolvidos três materiais marcantes na história do livro: o papiro, o pergaminho e o papel. Primeiramente, foi utilizado o papiro “[...] trata-se de uma planta (*Cyperius papyrus*) da qual é extraída a matéria prima para a fabricação do material de escrita de mesmo nome.” (SIMÕES, 2008, p.22). E assim o papiro foi a grande tecnologia daquela época, favorecendo então ao registro do conhecimento produzido pela humanidade.

Por conseguinte, surgiu o pergaminho, o qual era produzido da pele de alguns animais, como bezerro, cabra, ovelha e carneiro. Essas peles recebiam determinado tratamento para se tornarem úteis para a escrita, sendo que a qualidade das peles variava de acordo a idade do animal, quanto mais os animais fossem novos, menos resistentes seriam as peles.

As peles destinadas para a escrita eram branqueadas usando o pó de gesso. As destinadas a um tipo especial de texto chamado iluminuras eram tratadas com talco, para se tornarem mais opacas. As iluminuras eram textos ornamentados com figuras ou letras estilizadas usualmente gravadas em ouro ou prata. Atualmente, o termo iluminura é estendido a qualquer manuscrito decorado. (SIMÕES, 2008, p.25).

E depois, eis que surge o papel, o terceiro material fundamental no desenvolvimento do registro da escrita. Inicialmente, o papel era confeccionado com a junção de tecido, fibras,

cal, água e outros elementos, a técnica de fabricação foi sendo aprimorada com a contribuição de diversos povos até se obter o modelo atual de produção à base de celulose. “Atualmente o papel é o principal suporte para o livro. Embora o processo de fabricação tenha sido muito aprimorado tecnologicamente, os princípios são os mesmos desde sua invenção.” (SIMÕES, 2008, p.28). O papiro por ser produzido também de fibras vegetais, muitas vezes era considerado também papel.

No que concerne às formas, em que foram montados, o papiro, o pergaminho e o papel, as que tiveram maior destaque foi o rolo e o códice. O rolo associa-se ao formato do objeto que leva esta mesma denominação.

O rolo foi à forma comum do livro por cerca de três milênios. Era obtido pela junção de várias folhas de pergaminho ou papiro, de modo a se obter uma tira, de cujo comprimento dependia a capacidade de armazenagem do texto do rolo. Nos de comprimento menor, um pedaço de madeira era fixado numa das extremidades da tira, e esta era enrolada sobre ele. Nos de comprimento maior, em ambas as extremidades eram fixados cilindros de madeira, e a tira era enrolada em ambos, em direção ao meio. Nos dois casos, a leitura exigia o uso de ambas as mãos, uma desenrolando e outra enrolando ao passo que o trecho era produzido ou lido. Esse rolo era chamado de volume. (SIMÕES, 2008, p.29).

Ainda segundo o autor citado acima, o formato do rolo na apresentação da informação registrada se mantém presente até os dias atuais. Visto que:

De certo modo, o formato do rolo foi retomado por várias mídias no século XX. Os créditos no final das apresentações cinematográficas são apresentados como que num rolo desenrolando verticalmente. A tela dos computadores também usa dessa disposição, e nos referimos ao seu movimento vertical como rolar a tela, numa clara alusão ao rolo original. (SIMÕES, 2008, p.30)

A outra forma, de grande destaque, foi o códice, este por sua vez, era mais sofisticado do que rolo.

A segunda principal montagem tradicional do texto escrito é o códice, cuja popularização ocorreu no século I d. C. Sua operação resolvia muitas limitações do rolo, especialmente a possibilidade de iniciar a leitura de qualquer ponto e poder recorrer a vários trechos do texto com rapidez. Já se utilizavam tábuas empilhadas e unidas de um modo que lembra o formato de um códice. A substituição das tábuas de argila por folhas de pergaminho ou papiro foi um desenvolvimento natural. (SIMÕES, 2008, p.30)

Em relação aos suportes e formatos existiram diversos, sendo que, os mais destacados são: o papiro e o pergaminho, os quais eram suportes pesados, e o papel considerado um suporte leve. E o rolo e o códice foram os formatos de suporte da escrita que mais se destacaram e de certa forma influenciaram os suportes atuais.

Assim como a sociedade evolui, não é diferente com os suportes informacionais. Eles evoluíram junto com a sociedade de modo a se adequar

às necessidades do espaço e do tempo, dos registros das cavernas ao registro digital muitos séculos se passaram. Das tabletas de argila, chegando ao papiro com o volumem (organização em rolos) e depois com o pergaminho dando origem ao *códex* (organização em cadernos), formato utilizado até os dias atuais, essa é parte da caminhada dos suportes informacionais. O papel surge na Europa no final da Idade Média e vem substituir os pergaminhos, com seu valor bem mais em conta e com o surgimento da imprensa. (ARAÚJO et al, 2013, p.14)

O livro decorrer de sua história passou por algumas modificações, da sua produção artesanal passou a ser impresso. E esta forma de apresentação a princípio não foi bem vista, pois a sociedade da época do surgimento da imprensa de Gutenberg tinha “[...] certa suspeita em relação ao livro impresso, e o temor de que ele romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores. Nessa visão o livro passara a ser produto de uma máquina, e não de uma pessoa.” (SIMÕES, 2008, p.93). E assim o livro deixara de ser fruto apenas do seu autor, agora a obra prima do autor era reproduzida por uma máquina, proporcionando então um maior quantitativo de cópias da mesma obra, abrangendo então a acessibilidade de mais leitores.

Apesar da ruptura tecnológica representada pela imprensa de tipos móveis, a transformação do livro não é absoluta. Conforme explica Chartier, a construção dos livros pós- Gutenberg tem muito em comum com os livros manuscritos, em suas estruturas fundamentais. Ambos utilizam a montagem no formato de códice, vigente desde os primeiros séculos. Os sistemas de numeração, índice e sumário, os formatos usados no período escolástico (in-folios) e os formatos menores usados pelos humanistas, todos esses elementos permaneceram basicamente os mesmos. Cópias manuscritas sobreviveram até tão tarde quanto o século XIX. (SIMÕES, 2008, p.93).

A imprensa era a grande tecnologia daquela época, até hoje imprimimos livros, entretanto, a evolução tecnológica é uma constante. A tecnologia digital desenvolveu o livro eletrônico, conhecido como e- book, revolucionando o suporte da escrita e contribuindo significativamente com a responsabilidade socioambiental, visto que, este tipo de livro não se utiliza de elementos da natureza, como a água e a madeira no seu processo de fabricação. Araújo et al (2013, p.14) descreve que:

O livro digital surge com o desenvolvimento da computação pessoal e ganha força com a Internet. A denominação *e-book* vem do acrônimo de dois termos em inglês *electronic book*, em português: livro eletrônico. É possível encontrar na literatura vários termos se referindo ao mesmo objeto: livro eletrônico, livro digital, livro virtual, *e-book*, *cyberbook*, *i-book*.

Independente do formato e suporte no qual esteja o livro, o principal objetivo dele é disseminar o conhecimento registrado, proporcionando aos leitores o acesso à informação. E a emissão e recepção do que está escrito possibilita o desenvolvimento, cultural, econômico, social e intelectual dos envolvidos nesse processo

3.2 A biblioteca

O surgimento das bibliotecas contribuiu decisivamente no desenvolvimento da sociedade. Pois com o aparecimento desta foi possível organizar, preservar e disseminar o conhecimento registrado produzido pela humanidade. Sem esta instituição o conhecimento estaria disperso no universo, assim como as folhas que caem de uma árvore.

Conhecer a origem das bibliotecas implica em abordar a produção de conhecimentos e de registros de conhecimentos, pois, desde a sua origem na Antiguidade Clássica, a biblioteca é um espaço de preservação dos conhecimentos gerados pela humanidade a partir de diferentes sociedades. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p.29).

Percebe-se então que a biblioteca está interligada a produção do saber. E podemos considerar a biblioteca, a casa do conhecimento, na qual residem os diversos tipos de saberes, organizado nos cômodos da residência de acordo com a área que estes se relacionam.

Ainda no que concerne a história da biblioteca, nota-se que é difícil precisar a gênese desta. “A história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem.” (MILANESI, 1983, p.16). A origem dela se relaciona com o registro da informação realizada pelo homem, visto que, quando o homem em seus primórdios, escolhia determinada caverna para fazer determinado registro, aquela caverna estava sendo não só um suporte para registro, mas também um local de guarda, preservação e disseminação, podendo assim ser associada a uma biblioteca.

A origem exata das bibliotecas, assim como a da linguagem e a de escrita, é desconhecida. Entretanto, podemos considerar que, diferentemente da linguagem e da escrita, as bibliotecas apareceram na era histórica, ou seja, quando tem início a preservação de registros escritos de conhecimentos. É necessário, contudo, esclarecer que as expressões culturais vão além da escrita e se expressam em diversos produtos e artefatos, mas no contexto de bibliotecas, a linguagem escrita tornou-se a forma mais comum para registrar conhecimento. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p.31).

Existem comprovações da existência de grandes bibliotecas que se destacaram na Antiguidade, por exemplo: a Biblioteca de Nipur na Babilônia, e a Biblioteca de Assurnabanipal em Nínive. Nos resquícios destas foram encontradas tábuas de argila com textos sobre vários assuntos em escrita cuneiforme.

No Brasil, o surgimento das bibliotecas está ligado às ordens religiosas, pois inicialmente foram criadas nos colégios jesuítas. Vale frisar que, a primeira biblioteca monástica no Brasil data de 1583, fundada na Bahia num mosteiro beneditino, além desta, outras ordens religiosas à medida que iam inserindo-se no país, fundavam também suas

bibliotecas. Por sua vez, “em 1811 inaugura-se a Biblioteca pública da Bahia três anos antes da abertura ao público da Biblioteca real, criada em 1810.” (FONSECA, 2007, p.57). Nota-se que “a primeira biblioteca pública surgiu em Salvador, como expressão da sociedade. Um senhor de engenho, Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco, planejou a biblioteca como uma instituição para promover a instrução do povo.” (ARAUJO; OLIVEIRA, 2005, p.35). Percebe-se então no cenário brasileiro a introdução de dois tipos de bibliotecas, a monástica e a pública.

No que diz respeito ao conceito de biblioteca, encontra-se interligado a Ciência da Informação, visto que a Biblioteconomia relaciona-se fortemente com esta, de tal forma, que sempre quando se falar de biblioteca, falaremos de Biblioteconomia e consequentemente sobre de Ciência da Informação, pois estão interligados assim como o pão, o trigo e o fermento.

As teorias e conceitos que embasam grande parte das atividades das bibliotecas são oriundos da Ciência da Informação, em função de orientações comuns na resolução de problemas. Assim, a biblioteca é uma coleção de documentos bibliográficos (livros, periódicos etc.) e não bibliográficos (gravuras, mapas, filmes, discos etc.) organizada e administrada para a formação, consulta e recreação de todo o público ou determinadas categorias de usuários. (ARAUJO; OLIVEIRA, 2005, p.36)

A biblioteca é então um espaço múltiplo, pois nela se reúnem o conhecimento das diversas áreas do saber, disponibilizadas em diversos suportes, os quais evoluem de acordo a inovação tecnológica, buscando atender a demanda dos usuários. Ainda sobre a conceituação de biblioteca, Araujo e Oliveira (2005, p. 42) afirmam que:

A Biblioteca é um organismo vivo a serviço da comunidade; nela, obtemos respostas às nossas mais diversas indagações. O lugar de destaque que ela ocupa no mundo atual decorre da importância que a informação tem para cada sociedade. Assim, a biblioteca participa do aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico de todos os segmentos sociais.

No que concerne aos tipos de bibliotecas, é interessante frisar que, de acordo com Fonseca (2007), as bibliotecas da Antiguidade eram categorizadas reais, as da Idade Média, monásticas e universitárias, as do século XIX, nacionais, as do século XX, públicas e especializadas. As bibliotecas são categorizadas de acordo com as características de seus usuários. Por sua vez, os diferentes tipos de bibliotecas surgem de acordo à necessidade da época.

Segundo Araújo e Oliveira (2005) as bibliotecas dividem-se em: nacionais, públicas, universitárias, especializadas, escolares, infantis, especiais, ambulantes e comunitárias. Dentre estas, será descrita sobre algumas, esclarecendo assim a função social destas.

A Biblioteca Pública proporciona o lazer cultural, formação continuada, informação e cidadania, e atua também como mediadora de leitura. “As bibliotecas públicas são instituições básicas para o processo de educação, cultura e informação de um povo.” (PRADO, 2000, p. 21). A Biblioteca Pública “[...] é a mais importante de todas as categorias, pois, além de seus objetivos específicos, pode complementar as atribuições das demais categorias e até, com serviços adequados, substituir algumas delas, como a infantil e a escolar.” (FONSECA, 2007, p. 56) Entretanto não é objetivo dela cumprir o papel destas, e a pesquisa escolar não é função desta unidade de informacional.

A Biblioteca Escolar propicia a pesquisa escolar, apoiando o ensino e a educação formal. Nela deve ter obras didáticas, paradidáticas, jogos e outros suportes educativos. “A biblioteca escolar é uma necessidade, pois não constitui uma entidade independente, mas um complemento da escola. Se a escola inicia o aluno na instrução, a biblioteca a completa.” (PRADO, 2000, p. 9). Ela “[...] tem o objetivo específico de oferecer livros e material didático tanto a estudantes como a professores. Ela oferece a infraestrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio.” (FONSECA, 2007, p.53). Destacando-se então como agente educacional, formador de leitores.

A Biblioteca Universitária apoia a pesquisa, o ensino e extensão no ensino superior. “A biblioteca universitária nada mais é que uma universidade em si mesma. As universidades são centros transmissores do saber, através do ensino e dos livros.” (PRADO, 2000, p.13). Ela busca atender prioritariamente a bibliografia dos cursos que fazem parte da instituição de ensino.

A Biblioteca Especializada tem como objetivo restringir seu acervo a determinada área do conhecimento, buscando atender a um público específico. Elas “[...] surgiram com o extraordinário desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Por isso, as primeiras bibliotecas desta categoria foram as dos laboratórios e das grandes empresas industriais e comerciais, tanto quanto de associações profissionais.” (FONSECA, 2007, p.54). Buscando está sempre atualizada sobre o desenvolvimento científico com a qual se relaciona.

A Biblioteca Infantil é direcionada para as crianças desde sua tenra idade, independente dela está em fase escolar ou não. Neste espaço ela pode ter acesso a livros feitos de diversos materiais: pano, plástico, papel e outros, proporcionando o desenvolvimento lúdico da criança. Pois “o ideal é que ao ingressar na escola a criança já tenha se utilizado dos serviços de uma biblioteca infantil.” (FONSECA, 2007, p.52)

A Biblioteca Nacional tem o objetivo de guarda e preservação do arcabouço cultural e científico do país, mantendo em seu acervo a produção bibliográfica do seu país através do depósito legal.

As bibliotecas têm um papel crucial na sociedade, funcionando como organismo que proporciona o acesso as informações nos diversos meios. “A função social da biblioteca enquanto uma instituição social está principalmente em ser o fio condutor entre indivíduos e o conhecimento de que eles necessitam.” (OLIVEIRA, 2005, p.23). Para Leitão (2005, p. 25) no que diz respeito aponta que “[...] os principais estudiosos da Biblioteconomia já reconhecem a especificidade de sua função e aponta a relação com o usuário (pesquisador, cientista, professor, aluno e funcionário) como sua maior missão.” Contribuindo então de forma imprescindível na formação intelectual dos usuários. Pois a função da biblioteca vai além do tratamento da informação, ela também é um ambiente de orientação ao usuário.

As bibliotecas promovem também ações culturais, que correspondem a atividades voltadas para a formação do leitor, como por exemplo: feira de livros, exibição de filmes, hora do conto, festival de poesia, contação de histórias e outras. Vale lembrar que “[...] a biblioteca é uma unidade dinâmica e atua de forma sistêmica, em que todas as áreas interagem e se complementam.” (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p.105).

Conforme Araújo e Oliveira (2005) a biblioteca enquanto organização ela possui algumas funções: função gerencial, que se caracteriza nos atos administrativos e organizacionais; função organizadora, os serviços inerentes da unidade (seleção, aquisição, organização e tratamento da informação); e a função de divulgação, referente à propagação dos serviços da unidade, tais como, empréstimo, orientação e outros, demonstrando assim sua importância para a sociedade. Nesse contexto, no processo de organização de uma biblioteca deve-se:

[...] considerar dois aspectos básicos: o intelectual e o material. O intelectual é a preocupação de servir a um público que pede conhecimentos, podendo esse público ser ou não especializado. O material é a preparação técnica do acervo para que fique em condições de atender rápida e acertadamente às consultas dos leitores. (PRADO, 2000, p.3)

As pessoas que frequentam e fazem uso dos serviços prestados pela biblioteca são chamados de usuários. Existem dois tipos de usuários, o potencial, para quem a unidade de informação foi organizada, que corresponde aos que deveriam usar os serviços, e o real, que diz respeito aos que realmente usam os serviços da unidade. Assim, “o bom atendimento é o elemento mais importante para promover o alto conceito da biblioteca. Para aumentar a produtividade de uma biblioteca devem-se incrementar qualitativa e quantitativamente os

serviços prestados por ela.” (PRADO, 2000, p.6).

A biblioteca é um centro de informação documental, que tem como finalidade atender as necessidades de estudo, consulta e pesquisa dos seus usuários, levando em consideração a realidade deste, o acervo é formado para o usuário e graças a ele a unidade de informação se mantém viva. Vale ressaltar que a biblioteca:

[...] atende diariamente a vários tipos de usuários em busca da informação desejada: aquele que sabe o que quer e onde vai encontrar; aquele que sabe o quer, mas não sabe onde ou como encontrar; e aquele que apesar de saber o que necessita tem dificuldade de expressar o que está buscando. (SILVA, 2009, p.89).

Com o avanço das tecnologias proporcionou-se o aprimoramento dos serviços das bibliotecas para com os seus usuários, dentre os serviços utilizados destacam-se: consulta a catálogos e a bases de dados; pesquisa bibliográfica; tratamento da informação; aquisição; comutação; acesso a internet; disseminação seletiva da informação e os serviços de referências que se aprimorou e passou a servir de forma virtual com o propósito de facilitar a localização e o acesso aos documentos.

A Biblioteca e a Ciência da Informação lidam, mais comumente, com a classificação dos conhecimentos que estão registrados nos mais diversos suportes. Assim, nas Bibliotecas e Unidades de Informação, os documentos são classificados e agrupados conforme os assuntos de que tratam. Para esta tarefa específica existem sistemas de classificação bibliográfica que visem à organização de documentos, com o intuito de facilitar o acesso dos usuários à informação contida em seus respectivos acervos. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p.40)

É imprescindível que haja uma maneira de viabilizar a vida do usuário e sua relação com a biblioteca, tendo como foco satisfazer as necessidades de seus usuários. Entende-se que esta relação é necessária e deve acontecer de forma harmoniosa, pois este relacionamento é imprescindível na garantia do êxito das pesquisas dos usuários e na efetuação do verdadeiro papel do bibliotecário, ser intermediador crucial no processo de disseminação do conhecimento científico.

3.3 O Bibliotecário

Com o surgimento e constante aparição da informação seja por meios tradicionais ou tecnológicos fez-se necessário, para atender a tal demanda o profissional organizador de toda essa informação, que é o profissional bibliotecário. Contudo, “o bibliotecário, que

secularmente organizou os livros, passou a ser exigido para outra tarefa: organizar a informação, ou seja, analisar cada impresso e descobrir nele o perfil de um conteúdo que o tornará registrável e recuperável.” (MILANESI, 1983, p.78). A sociedade da informação, juntamente com todos os seus recursos informacionais necessita dele, o bibliotecário que é um intermediário ativo entre usuários e recursos. “A sua missão é garantir êxito a sua busca, seja permitindo o acesso ao material, seja orientando onde o usuário poderá localizá-lo.” (LEITÃO, 2005, p. 23). Garantindo assim o acesso a toda informação que, de alguma forma possa ser útil.

O bibliotecário é um intermediador ativo entre usuários e recursos, ele promove a mediação, ação cultural, capacitação, eventos, projetos, formação de círculos, extensão, cultura, produção, gestão, discussão, representação da informação.

O substantivo bibliotecário (em alemão *Bibliothekar*, em francês *bibliothécaire*, em inglês *librarian*, igual ao vernáculo em espanhol e italiano) vem do latim *bibliothecarius*. Lembre-se que o sufixo *ario* forma outros substantivos de cunho erudito, com várias noções básicas, como, no caso de bibliotecário, a pessoa que exerce uma atividade em biblioteca. (FONSECA, 2007, p.91)

A representação e organização da Ciência da Informação e suas tecnologias é representada por um profissional em crescimento intelectual contínuo Para atender as tendências atuais e a evolução da humanidade no âmbito informacional a sociedade conta com o bibliotecário, que é uma espécie de gerenciador ou gestor dessa evolução informacional.

A chamada Sociedade da Informação ou Sociedade do Conhecimento, com suas inúmeras demandas, oriundas, sobretudo, da inserção de uma vasta gama de aparatos tecnológicos, deu margem ao surgimento de uma nova terminologia para designar ou categorizar aqueles que lidam com informação. Nesse espaço de atividades surgiu o termo “Profissional da Informação”. Um termo amplo que envolve o trabalho com documentos e/ou informação, em inúmeros e diferentes contextos, em sua maioria, com o auxílio de tecnologias de informação. A conceituação está em processo evolutivo e sua abrangência ainda encontra-se indeterminada, suscitando vários debates em torno de quem realmente pode ser considerado como tal. (MOTA; OLIVEIRA, 2005, p.99).

O perfil do profissional bibliotecário deve ser inerente ao tipo de unidade de informação que ele atua, podendo então ser, por exemplo: bibliotecário generalista, o qual trabalha com a organização de todas as áreas do conhecimento; bibliotecário gestor, o qual administra a unidade de informação; bibliotecário especialista, o qual trabalha apenas com determinada área do conhecimento; bibliotecário consultor, este trabalha com projetos de consultoria, gestão e organização do conhecimento; e outros.

A formação do bibliotecário esteve sempre polarizada entre erudição e a técnica. A orientação erudita e a técnica. A orientação erudita é a mais antiga

e teve como pioneira a École Nationale des Chartes, fundada em Paris, 1821. Mais de meio século depois, em 1887, surge nos Estados Unidos uma escola com orientação técnica: a School of Library Economy, fundada por Melvil Dewey na Columbia University, Nova York, e que durou até 1992. Os próprios norte-americanos, geralmente criticados por seu pragmatismo anti-humanista, souberam harmonizar as duas orientações, o que se fez no início do século XX, por iniciativa da American Library Association (ALA). (FONSECA, 2007, p.98)

No que tange as funções específicas do bibliotecário, destacam-se: a de referência, que tem caráter generalista e de mediação do usuário; processos técnicos, que se refere à organização e tratamento da informação; administrativa, relacionada ao controle financeiro e compra dos materiais; consultoria é um serviço privado de organização de acervo; informacional atua com bibliotecas virtuais e mídias; preservação preocupa-se necessariamente com a conservação e restauração de acervos.

Para compreender a função da biblioteca e do bibliotecário na sociedade da Informação devemos rever as funções daquela instituição e deste profissional. Assim, temos que a primeira função da biblioteca é a preservação de registros da informação, o que motivou a criação da biblioteca. A segunda é a organização da informação. Para tanto, foram desenvolvidos e aperfeiçoadas técnicas de catalogação, classificação e indexação. A terceira é a disseminação da informação. Esta função é desempenhada através da criação e oferta de vários serviços e produtos de informação. Dentro desse contexto, o bibliotecário tem a tarefa de gerenciar todos os processos decorrentes destas funções. (ARAUJO; DIAS, 2005, p.118)

O bibliotecário é um profissional relevante no contexto social. Visto que, sem a atuação deste profissional, não haveria organização e disseminação da informação, e por sua vez, não seria possível recuperar as informações registradas. “A atuação do profissional da informação tem sido alvo de vários estudos. No que diz respeito à legislação da área de Biblioteconomia, a Lei nº 4.084 de 30 de junho de 1962, que regula o exercício profissional do bibliotecário.” (MOTA; OLIVEIRA, 2005, p.104) Apesar do avanço das tecnologias, o bibliotecário continua assumindo o papel de intermediador entre a informação e o usuário, tornando assim imprescindível a atuação deste profissional, no processo de tratamento e busca da informação, em todos os meios, seja ele convencional ou virtual.

A seguir, apresentaremos a seção quatro: “O universo das histórias em quadrinhos”.

4 O UNIVERSO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A história faz parte da memória da humanidade, ela está presente em todos os lugares e indivíduos, seja na escola, na unidade de informação, em casa, na rua, enfim em qualquer ambiente social estamos envolvidos por histórias, sejam elas fictícias, reais, registradas ou orais. Ouvimos histórias desde o ventre materno, nascemos e as histórias continuam no nosso cotidiano, seja através de contos de fadas, poesias, fábulas, histórias em quadrinhos e outras, a nossa educação formal e informal envolve-se intrinsecamente com elas.

A história em quadrinhos está presente há muito tempo na sociedade, praticamente desde o homem primata, o qual registrava suas vivências nas cavernas em forma de desenhos, representando assim suas experiências, sem ter consciência da importância que teriam estas figuras para compreensão de sua cultura. Desta forma,

[...] as histórias em quadrinhos existem praticamente desde o início da história do homem, quando os nossos ancestrais, por meio de desenhos canhestros, contavam graficamente, nas paredes das cavernas em que habitavam as peripécias de suas caçadas ou refletiam sobre seu cotidiano. (VERGUEIRO, 2005, p. 1)

Nesses registros estava presente a linguagem visual-iconográfica. Através daqueles desenhos era possível fazer uma leitura do mundo destes homens. Sendo então a forma mais sofisticada que eles tinham domínio naquela época para registrar a informação. Percebe-se então, que os quadrinhos é fruto dos primórdios, no entanto desenvolveram-se as técnicas de elaboração destes, assim também como seu formato. Podendo ter denominações e características diferenciadas de acordo com o desenvolvimento deste em cada parte do mundo.

Nesse contexto, Vergueiro (2005) nos mostra que os quadrinhos recebem diversas denominações, as quais variam de acordo com o idioma dos países e as características que o destacaram em cada língua. Por exemplo: na língua inglesa são denominados *comics*, *comic books* ou *comic strips*, devido às características cômicas contidas nos primeiros quadrinhos dos países de língua inglesa; já na França, eles são concebidos como *bandes dessinées*, porque inicialmente foram publicadas no formato de tiras; por sua vez na Espanha eles são designados como *tebeos*, por causa de uma revista com este nome que publicava histórias em quadrinhos, entretanto lá também se refere aos quadrinhos como *cómicos*, que é a tradução da terminologia *comics* da língua inglesa; na Itália são chamados de *fumetti*, no Japão de *mangás*, em alguns países latinos americanos são chamados de *historietas*.

No Brasil, as histórias em quadrinhos quanto a sua denominação passaram por controvérsias, uns a denominavam “estórias” e outros de “histórias” até chegar ao

denominador comum de “histórias em quadrinhos”, conhecida também pela abreviação “HQ”, no entanto as revistas de histórias em quadrinhos são denominadas gibis, vale frisar que Gibi era o nome de uma revista espanhola que publicava histórias em quadrinhos.

No que concerne à trajetória dos quadrinhos no cenário brasileiro, Vergueiro e Oliveira (2011, p. 140) apresentam que:

Ao longo do século xx, a relação entre quadrinhos nacionais e a busca de uma identidade nacional assumiram várias formas. Os anos 1930-40 consolidaram a veiculação e consumo de quadrinhos estrangeiros no país, com destaque para o Suplemento Juvenil, publicação de Adolfo Aizen. A Segunda Guerra Mundial aumentou o fascínio em torno da figura dos super-heróis. A reação da produção nacional viria a acontecer nos anos 1960, com a publicação da revista *Pererê*, de Ziraldo Alves Pinto e seu conteúdo declaradamente nacionalista. Na década de 1970, o cartunista Henfil lança personagens que se tornariam emblemáticos, Omo a Graúna, ambientada no sertão nordestino e os irreverentes Fradinhos. Outra forma de resgate de valores tradicionais que perdiam terreno num país que se queria cada vez mais industrial foi desenvolvida por Mauricio de Souza e os personagens da turma da Mônica.

Nesse âmbito, vale frisar que durante o governo de Getúlio Vargas que compreendeu de 1930 a 1945 “[...] os humoristas políticos sofreram toda sorte de perseguições, destacando-se especialmente os chargistas e quadrinhistas, o que fortaleceu muito a produção infanto-juvenil, nas quais muitos artistas gráficos buscaram guarida.” (BARI, 2008, p.43) por isso, se destacaram nessa época as histórias infanto – juvenis.

Uma reflexão acerca das histórias em quadrinhos no cenário brasileiro deve considerar a via de mão dupla entre o real e representações do real. Equivale dizer: quais são os recursos dos quais o autor lança mão para, a partir de uma folha de papel em branco, desenvolver seus personagens, ações cenários e narrativas, construindo uma ponte de aproximação com a realidade. (VERGUEIRO; OLIVEIRA, 2011, p. 137)

Percebe-se então o desenvolvimento das histórias em quadrinhos no Brasil em diversas épocas e situações que de certa forma influenciaram que os quadrinhos se voltassem mais pra uma área em detrimento de outra. O mais importante é que independente de perseguição política, os amantes dessa arte conseguiram manter viva a produção dos quadrinhos no Brasil. Os quais vêm abrangendo diversos públicos através de diversos formatos e suportes para a inserção das histórias em quadrinhos, abrangendo assim um determinado quantitativo de leitores de diversas faixas etárias.

4.1 Os elementos dos quadrinhos

Mas o que caracteriza os quadrinhos, como é elaborado, e quais são suas particularidades? Eles possuem características próprias que o destacam e o qualifica enquanto tal, podendo ser reconhecido facilmente entre diversos tipos de obras.

Os quadrinhos apresentam-se como uma narrativa gráfico – visual com suas particularidades próprias, impulsionada por um corte entre imagens. Desse modo, em sua elaboração um jogo de recursos é utilizado, como os cortes, as onomatopeias, os balões e as cores berrantes para chamar atenção. (SANTOS, 2011, p. 5)

Sabe-se que os quadrinhos possuem elementos específicos e que neles a “Imagem e palavra aparecem continuamente relacionadas.” (MOREIRO GONZÁLEZ, 2003, p. 121). As falas dos personagens em quadrinhos são inerentes às figuras que se apresentam, como se fosse um casamento entre a figura e a palavra, na qual as duas se complementam e dançam a mesma música. Visto que a imagem tem grande poder de expressão, ela por si fala, e o produtor dos quadrinhos consegue expressar coerentemente em palavras a fala dos personagens, construindo assim a “narrativa gráfico-visual”.

Ainda no que diz respeito às características dos quadrinhos, Costa e Orrico (2009, p. 5) corrobora que:

A linguagem das histórias em quadrinhos pode se apresentar em variadas formas: da mais simples às mais complexas. Porém, poderíamos dizer que no momento em que um sujeito tem contato com a linguagem dos quadrinhos, seja em uma revista, uma tira de jornal ou qualquer outro meio, é a união de sistemas de linguagens diferentes – cada uma com suas regências específicas – que primeiramente chama sua atenção: a imagética, reunindo as noções de perspectiva, simetria, hachuras, pinceladas, tonalidades, contornos, cores, etc. E a textual, que engloba a gramática, a sintaxe, sistemas morfológicos e outros.

Para Vergueiro (2005, p. 2) a denominação brasileira, história em quadrinhos, concerne satisfatoriamente às características desta, pois se evidenciam “os dois elementos básicos inerentes ao meio, enfatizando que ele constitui uma forma narrativa composta por uma sequência de quadros pictográficos.” Caracterizando assim a imagem gráfico visual dos quadrinhos. Para este autor, as histórias em quadrinhos concebem-se como um meio ou um veículo de comunicação de massa, o qual transmite a mensagem através de dois códigos: o linguístico (representado pela fala dos personagens) e o pictórico (representado pela imagem).

4.2 Quadrinhos, Sociedade e Biblioteconomia

De certo modo, os quadrinhos enquanto meio de comunicação de massa existe há muito tempo, fortalecendo assim a imprensa. No entanto, os quadrinhos como produto cultural vêm sendo reconhecido vagarosamente pelos intelectuais.

Aliando o visual ao escrito, as histórias em quadrinhos tornaram-se um meio de comunicação de massa de grande penetração, podendo-se dizer até mesmo que, junto com o cinema, caracterizam a comunicação de massa do século 20. Publicadas inicialmente em jornais, o aparecimento das revistas em quadrinhos (conhecidas como *comic books*) durante a década de 1930 possibilitou a ampliação do meio praticamente todos os países do mundo. Hoje em dia, elas são publicadas em grande variedade de títulos e gêneros, com tiragens que muitas vezes ultrapassam 100 mil exemplares por edição. (VERGUEIRO, 2005, p.2)

Inicialmente os quadrinhos não eram bem vistos pela sociedade, era considerado um material de baixa categoria, sem importância acadêmica, e por isso foi difícil o processo de inclusão das histórias em quadrinhos nas bibliotecas. Pois muitos bibliotecários se recusavam a inserir estes materiais no acervo de suas unidades de informação, porque não o consideravam coerentes com o nível da qualidade de seus acervos. Assim, “pode-se dizer que a resistência dos bibliotecários às histórias em quadrinhos e aos demais meios de comunicação de massa foi um reflexo da resistência da própria sociedade em relação a eles, diminuindo à medida que todos esses meios passaram a ser vistos com outros olhos”. (VERGUEIRO, 2005, p. 4)

No decorrer da história, os quadrinhos sofreram preconceito, e por conta dessa rejeição para inserção dos quadrinhos no mundo dos letrados, os profissionais da informação tendem a ter pouca familiaridade na representação deste material, ou seja, desta fonte. Entretanto, aos poucos, os quadrinhos foram ganhando espaço, nas escolas, nas unidades de informação, sendo utilizado por professores no processo de ensino e aprendizagem, passou a fazer parte das coleções das bibliotecas.

Atualmente as histórias em quadrinhos fazem parte de acervo de bibliotecas escolares, compondo assim o universo da leitura escolar, e muitas vezes este veículo de informação é utilizado para divulgar informações jurídicas e de outras áreas que possuem uma linguagem rebuscada são adaptadas aos quadrinhos numa linguagem mais acessível ao público destinado. No entanto, este veículo nem sempre foi tão aceito na sociedade letrada.

A trajetória das histórias em quadrinhos como produto de consumo de massa, apesar do sucesso de público que a acompanhava, foi sempre cercada

por crescente oposição de parcelas influentes da sociedade letrada. De forma geral, os pais e educadores viam com muita desconfiança a leitura de quadrinhos por parte de seus filhos e alunos imaginando que isto pudesse prejudicar seu desenvolvimento intelectual ou contribuir para afastá-la de leituras mais nobres. (VERGUEIRO, 2005, p. 3)

No Brasil “Em 1982, um grupo de desenhistas e amantes das histórias em quadrinhos se organizou e inaugurou [...] A Gibiteca de Curitiba, primeiro acervo público do gênero no país, com estrutura para consultas, empréstimos, exposições e eventos.” (BARI, 2008, p.52). Esta unidade de informação pioneira desenvolveu um acervo com revistas de histórias em quadrinhos, e a partir desta o termo gibiteca denominava qualquer biblioteca que seu acervo fosse formado por revistas em quadrinhos. No entanto, a primeira biblioteca pública brasileira da área dos quadrinhos foi a Gibiteca Henfil, fundada em 1991 em São Paulo, ela possui o maior acervo de revistas em quadrinhos no país, e nela é realizado diversos eventos desta área quadrinhística. E atualmente há diversas gibitecas espalhadas pelo Brasil.

No que concerne a evolução dos quadrinhos, ressalta-se que o formato de publicação passou por algumas modificações, “[...] atualmente diversos veículos e formatos de publicação de histórias em quadrinhos podem ser encontrados no mercado, cada um deles com características singulares que afetam tanto sua forma como seu conteúdo.” (VERGUEIRO, 2005, p. 5) Os quadrinhos não estão mais presos à comunicação impressa, eles fazem parte também do mundo digital. Atendendo a diversos tipos de público e áreas do conhecimento.

As revistas em quadrinhos são publicadas no mundo inteiro em diversos meios de comunicação, e abordando diversos temas conquistando assim um público considerável e fiel. Há uma diversificação de quadrinhos no mercado, por exemplo: gibis; álbuns edições encadernadas; *graphic novels*, maxi e minisséries; quadrinhos em jornais; *fanzines* e publicações variadas. Vergueiro (2005, p. 6-8) define cada um destes formatos de publicação da seguinte forma:

_Gibis: “publicações periódicas disponíveis em grande diversidade de títulos e temáticas, são encontradas com facilidade em qualquer banca de jornal”. Por exemplo: as revistas do tio patinhas e da Turma da Mônica.

_Álbuns e edições de luxo: “não tem periodicidade, sendo publicadas em edições únicas, que trazem histórias em geral fechadas em si mesmas, sem um compromisso declarado com a continuidade.” Por exemplo: ele cita o *Asterix* de René Goscinny.

_ *Graphic novels*, maxi e minisséries: “constitui-se na busca de um tratamento diferenciado para um ou mais personagens familiares aos leitores, explorando-os em edições fechadas”. Por exemplo, *O Batman: o cavaleiro das trevas*.

_ Quadrinhos em jornais: “os jornais foram o berço das histórias em quadrinhos.”

_ Fanzines: “podem ser publicações de caráter analítico, buscando discutir as histórias em quadrinhos e suas particularidades.”

_ Publicações variadas: tem como propósito “a transmissão de mensagens educativas” informando ao leitor sobre determinada área.

Os quadrinhos conseguem abranger várias áreas do conhecimento dentre elas, a Biblioteconomia. Visto que, “na medida em que as histórias em quadrinhos se tornaram um elemento de grande influência na cultura popular, também o interesse por elas aumentou em todas as áreas”. (VERGUEIRO, 2005, p. 9) Tornando então objeto de estudo, assim como nos mostra Bari (2008, p.50):

Entre 1963, o pesquisador Herman Lima publicou, após uma pesquisa autônoma de décadas, a obra *História da caricatura no Brasil*, que se constitui no quarteto de volumes mais relevantes e consultados por todos os pesquisadores brasileiros da área, até a atualidade. Mais do que reconhecimento, esta obra e sua publicação representam a visibilidade das histórias em quadrinhos como bem cultural digno de documentação, assim como sua linguagem e mídia reconhecidas como objetos de pesquisa na área de comunicação social.

Aos poucos os quadrinhos vêm ganhando espaço na área da Ciência da Informação há bibliotecas que possuem acervos especializados em quadrinhos e núcleo de pesquisa especializado nesta área.

Certamente, ainda existe um grande caminho a ser percorrido até que os quadrinhos representem um material comum nas unidades de informação. No entanto, da mesma forma como vários dos preconceitos contra eles, que antes pareciam inabaláveis, foram derrubados, é de se esperar que cada vez mais os quadrinhos possam adentrar as portas das bibliotecas e centros de documentação especializados com muito mais facilidade do que antes, sendo recebidos por profissionais preparados e dispostos a tratá-los, divulgá-los e , acima de tudo, com seu trabalho, agregar-lhes valor por meio de seu trabalho especializado. (VERGUEIRO, 2005, p. 10)

Contudo, para prestar um bom serviço nesta área, o bibliotecário precisa ter embasamento sobre os quadrinhos, para assim ele poder fazer os serviços que englobam o tratamento e a organização da informação destes, e assim prestar serviço de boa qualidade aos leitores dos quadrinhos. Visto que, compreendendo as histórias em quadrinhos como uma manifestação sócio/cultural contemporânea e como o campo de estudo da Ciência da

Informação abrange o estudo da questão informacional nas mais variadas linguagens e manifestações humanas.” (COSTA; ORRICO, 2009, p. 9) Desta forma, os quadrinhos destacam-se na Biblioteconomia não só por ser mais um elemento de leitura, mas também por se tratar de um material documental passível de tratamento e organização da informação.

Em relação a representação das imagens dos quadrinhos, Moreiro e González (2003, p.14) nos esclarece que:

A aproximação ao conteúdo das imagens não pode ser unidirecional uma vez que elas apresentam significação em diferentes níveis e momentos. Como profissionais, nossa função consiste em identificar e recuperar os documentos e até fragmentos deles. O primeiro nível de descrição é um processo normalizado, consistente em catalogar os dados materiais que identificam o documento como um objeto peculiar, composto de uma forma determinada. A seguir, é iniciado um trabalho mais intelectual quando se procura apreender o conteúdo, tanto denotativo como conotativo, para representá-lo mediante a terminologia e o texto, com o fim de, a partir deles, estabelecer a recuperação e a representação descritiva das imagens.

Nessa perspectiva, os conteúdos abordados nas tirinhas em quadrinhos se reportam a diversas áreas do conhecimento, entretanto há alguns que abordam o universo biblioteconômico, como os quadrinhos que fazem parte do blog Bibliocomics, caracterizando assim os elementos e o profissional da informação. Na exposição desta área em quadrinhos, percebe-se que:

[...] as manifestações que dão origem à visibilidade do profissional bibliotecário, nos mais variados meios de comunicação, constituem uma forma de expor, para uma coletividade, o fazer de uma categoria revelando os seus modos com que aquele que anuncia circunscreve a profissão, fruto de sua interpretação expressa a partir de argumentos estéticos que envolvem metáforas, hipérboles, ironia, sátira ou outros recursos indispensáveis à função principal de sua produção: entreter, divertir, instalando assim dois protagonistas – emissor e receptor – e um discurso enunciado, portanto, portador de significados passíveis de serem interpretados. (BARBALHO, 2006, p.104-105)

Portanto, os quadrinhos têm a capacidade de representar qualquer eixo temático, expondo aos leitores de forma cômica e atrativa, as informações e características sobre determinada área. Proporcionando ao leitor uma leitura narrativa-visual, na qual o receptor capta e interpreta as informações de acordo com o seu arcabouço intelectual, pois apesar de se misturar palavra e figura, não significa dizer que é uma leitura fácil compreensão.

A seguir, apresentaremos a seção cinco: “Análise dos Quadrinhos do Bibliocomics”.

5 ANÁLISE DOS QUADRINHOS DO BIBLIOCOMICS

Este capítulo apresenta a caracterização do blog Bibliocomics e a análise de 27 (vinte e sete) quadrinhos pertinentes ao livro, a biblioteca e ao bibliotecário. Por sua vez, vale frisar que o produtor dos quadrinhos, não é um autor que fala da sua própria área de atuação, “mas alguém que se apropria de seu universo para produzir as imagens que traduzem tal fazer na expectativa de destacar traços que o autor reconhece como próprio da cultura profissional que é apropriado pelo personagem ou pelo discurso exposto.” (BARBALHO, 2006, p. 165)

Desta forma, essa análise, deve considerar que:

Se para compreender um texto é preciso saber lê-lo, para nos aproximarmos de uma imagem é preciso saber vê-la. E essa tarefa é difícil, tendo em vista a variada presença de signos que se entrelaçam, muitas vezes pouco explicitamente, porém, com indubitável peso na significação final. (MOREIRO GONZÁLEZ, 2003, p. 13)

Assim, cada quadrinho será analisado fundamentando-se teoricamente a luz de autores que abordam as temáticas que estão inseridas nos quadrinhos que serão analisados.

5.1 Caracterização do Bibliocomics

Os quadrinhos disponíveis no blog Bibliocomics apresentam vários elementos do universo biblioteconômico, tais como: a leitura, o livro, a internet, bem como outras tecnologias da informação, as unidades de informação (bibliotecas, arquivos, museus e centro de documentação) entre outros.

Este blog foi sugerido pelo professor Waldomiro Vergueiro. A ideia do blog surgiu a partir de um trabalho de faculdade, realizado por Alexandre Medeiros - hoje, formado em Biblioteconomia-, no ano de 1995. O trabalho, na época, propunha reunir Histórias em Quadrinhos aonde o livro, a leitura, a biblioteca e o bibliotecário aparecessem como o tema central ou personagem das histórias. Quinze anos depois, Alexandre está revendo esse material, na forma de um blog, onde acrescenta novo material, reunindo tiras e charges sobre livros e bibliotecários. (Disponível em <<http://gibitecom.blogspot.com.br/2010/07/dica-de-blogbibliocomics.html>> Acesso em: 13 de setembro de 2013)

O blog surgiu em 2010 e até o dia 16 de fevereiro de 2014, havia 259 tirinhas postadas no Bibliocomics, as quais são retiradas de jornais, revistas, outros blogs e publicações variadas. Estas tirinhas compreendem: charges e quadrinhos. Elas são postadas de forma

esporádica. E segundo consta no arquivo deste blog, em 2010 foram postadas 102 (cento e duas) tirinhas, em 2011 também foram postadas 102 (cento e duas), em 2012 foram postadas 30 (trinta), em 2013 postou-se 22(vinte e duas) e neste ano, 2014, foram postadas apenas 3 (três) tirinhas, as quais compreendem o total de 259 (duzentos e cinquenta e nove).

Destas tirinhas foram selecionadas as que se qualificam como quadrinhos, levando em consideração os que correspondem aos elementos (livro, biblioteca e bibliotecário) objeto de estudo deste trabalho. Selecionando um total de 27 quadrinhos.

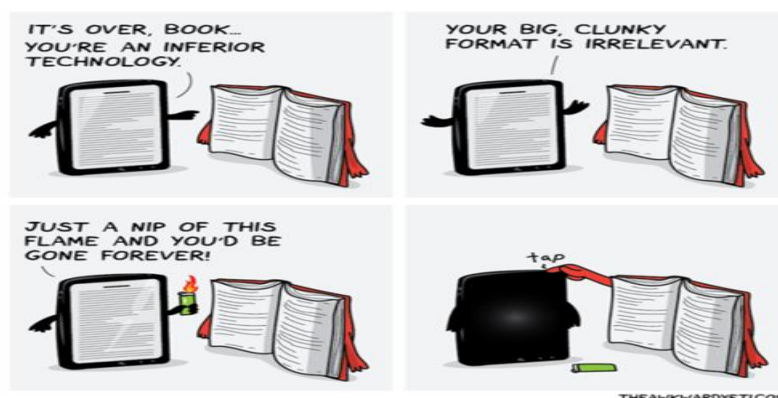
5.2 Análise individual dos quadrinhos

A análise serve para refletir o que está sendo apresentado nos quadrinhos, os quais têm o intuito de entreter e ao mesmo tempo transmitir uma mensagem relevante para o público leitor desses últimos. Os quadrinhos selecionados foram analisados individualmente, levando em consideração os aspectos e características inerentes a Biblioteconomia, no que condiz aos quadrinhos em relação às imagens dos elementos desta área, sendo que a análise destes possibilitará uma visão sobre alguns elementos do universo da Biblioteconomia, representado nos quadrinhos a seguir:

5.2.1 Quadrinhos representando o livro

a) livro eletrônico x livro impresso

FIGURA 1



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search?updated-min=2014-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2015-01-01T00:00:00-02:00&max-results=3>

Este quadrinho apresenta a supervalorização do livro digital em detrimento ao livro convencional de papel. Entretanto, apesar da sofisticação do e-book, ele é movido à energia elétrica e necessita desta para ser utilizado, por sua vez, o uso do livro em papel não depende desta pra ser lido. Nesse contexto vale ressaltar que:

O computador trouxe o texto eletrônico, a maior revolução de suporte do texto desde a invenção do códice, e a Internet, a maior rede de comunicação jamais criada pelo homem. Com essas combinações de tecnologias, o texto passou a conectar-se com outros textos, constituindo o hipertexto. Mais que hipertextos, hiperdocumentos, já que além do texto escrito, agregam som, imagens, animações, numa convergência quase absoluta de todas as formas de comunicação. O texto desmaterializa-se, e passa a ser uma ocorrência momentânea e efêmera, uma criação instantânea de um novo leitor, que é ao mesmo tempo senhor e refém do oceano de informações que vislumbra através da tela. (SIMÕES, 2008, p.188)

No entanto, o suporte em que o livro aparece não altera o seu valor, apenas é uma alternativa de utilização, sendo que, cada usuário escolhe o suporte de leitura de acordo a disponibilização de onde se encontra o texto escrito, e se o ambiente no qual ele está propicia a leitura em determinado suporte.

b) o uso inadequado do livro

FIGURA 2



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Ad%C3%A3o%20Iturrusgarai>

No quadrinho acima, é abordado o uso inadequado do livro, sendo que ele aparece servindo apenas como suporte da mesa, o que não corresponde ao seu correto uso e preservação deste material. Embora o quadrinho apresente um visão cômica do uso do livro, dentro de um contexto real, o mesmo, para os fins que a personagem procura, pode ser substituído por um pedaço de madeira ou tijolo.

A cena do quadrinho não foge do que acontece na realidade. Apesar de Ranganathan advogar que “os livros são para serem usados”, no entanto não é pra ser usado de qualquer forma, mas pra promover a leitura e o desenvolvimento intelectual. Porém, muitas pessoas usam o livro de forma inadequada. Uns utilizam como suporte para sentar num local que está

quente, outros o colocam sobre a cabeça para se proteger da chuva ou do sol, distanciando-se assim da principal finalidade do livro, a leitura.

c) o valor do livro

FIGURA 3



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2014-01-01T00:00:00-02:00&max-results=22>

Este quadrinho demonstra a desvalorização do livro por parte do personagem, o qual tem orgulho de comprar vestimentas caras, mas considera um absurdo comprar um livro por determinado valor, menosprezando assim o mesmo, como se este não valesse o preço solicitado.

Para esclarecer o custo do livro, Earp (2005, p. 14) aborda que:

O livro é um manufaturado muito especial, pois é viável em pequena escala – ao contrário do que acontece com outros impressos, como jornais e revistas. Sendo muito baixo o capital indispensável, as editoras proliferam, gerando uma riqueza cultural que será transformada em renda se somente se cada uma de suas publicações conseguir encontrar aqueles, digamos, três mil consumidores dispostos a comprá-la.

Nesse âmbito, vale frisar, que o livro é um objeto de valor mensurável e imensurável, pois o processo de produção de um livro envolve gastos que precisam ser supridos com a sua venda. E a leitura de um livro pode proporcionar bens imensuráveis no desenvolvimento intelectual e cultural do ser humano.

d) o Best-seller

FIGURA 4



Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-qK25c0XegMs/Te__reYtWtI/AAAAAAAAAoI/fKeTxmIHUnQ/s1600/2011_06_09.jpg

O quadrinho apresenta a preferência do personagem por um livro considerado “Best-seller”, o qual ele considera ser melhor que os demais. Best-seller é um termo em inglês que significa o mais vendido no mercado editorial e geralmente trata-se de livros populares.

Certamente um livro famoso ou popularizado, desperta interesse no leitor, mas não significa que o conteúdo dos demais não seja de qualidade. Percebe-se também que as histórias de muitos livros são adaptadas para o cinema, promovendo assim valor a obra e a amplitude na sua divulgação.

e) livro novo

FIGURA 5

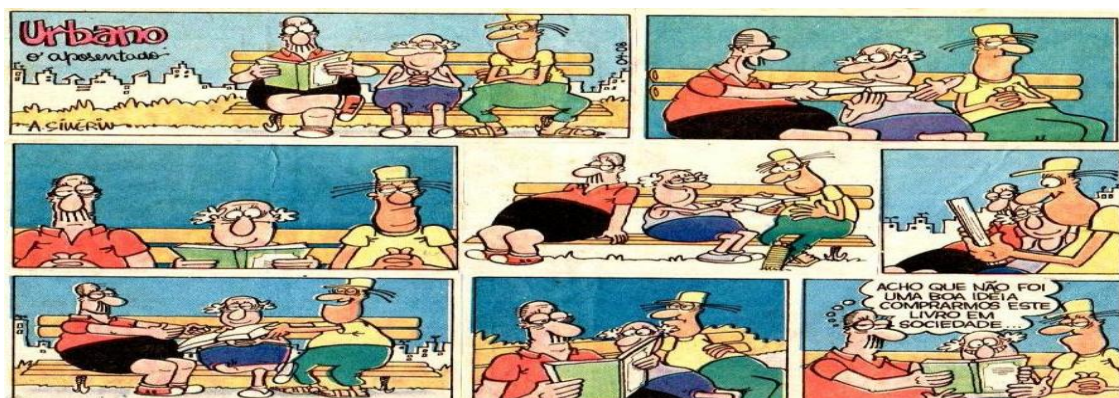


Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Snoopy>

O quadrinho apresenta a admiração da personagem pelas características do livro novo, sendo que o interesse da personagem é pelo cheiro do livro, a capa, a forma que as letras estão impressas, desconsiderando o conteúdo do mesmo. Fazendo uma analogia ao “cheiro do livro”, Araújo (2013, p.23, grifo nosso) assinala que: “Os apaixonados por livros, os bibliófilos, garantem que não existirá nenhum suporte de informação mais eficiente que os livros impressos. Para eles, não há nada mais prazeroso que sentir o cheiro de livro novo, o passar das páginas, grifarem as partes que lhe chamam mais atenção, etc.

f) socialização do livro na terceira idade

FIGURA 6



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Ant%C3%B4nio%20Silva%20A9rio>

O quadrinho aborda a questão do compartilhamento do livro e também da leitura na terceira idade. Lembrando que, a socialização do livro promove à disseminação da informação e do incentivo a leitura, sendo que o mesmo livro pode pertencer a uma sociedade e ser compartilhado por todos que fazem parte desta.

Diante das considerações apresentadas, Costa e Bortolin (2007, p.4) enfatizam que [...] “a sociabilização pode diminuir a carência social e afetiva e, com isso, os idosos se fortalecem e têm uma nova visão de mundo frequentemente proporcionada pela leitura.”

As autoras citadas anteriormente asseguram sobre a leitura, que:

[...] Essa prática, realizada coletivamente, pode tornar-se ainda mais estimulante. Em grupo, pode-se ver o mesmo conceito, a mesma história, percebidos de maneira diferente, de vários ângulos, apreciar ou não, discutir, comparar. A vantagem de se ler em grupo é a conversa, a discussão, ideias e opiniões que surgem durante e após a leitura que possibilitam uma nova dimensão da realidade. Ler em grupo é também uma forma de continuar a leitura e sair de um mundo interior para ir ao encontro de outros modos de pensar uma situação. O importante é saber que cada leitor compreenderá um mesmo texto lido quase sempre de um modo diverso do outro. (COSTA e BORTOLIN, 2007, p.4)

g) Os livros são para usar

FIGURA 7



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Laerte>

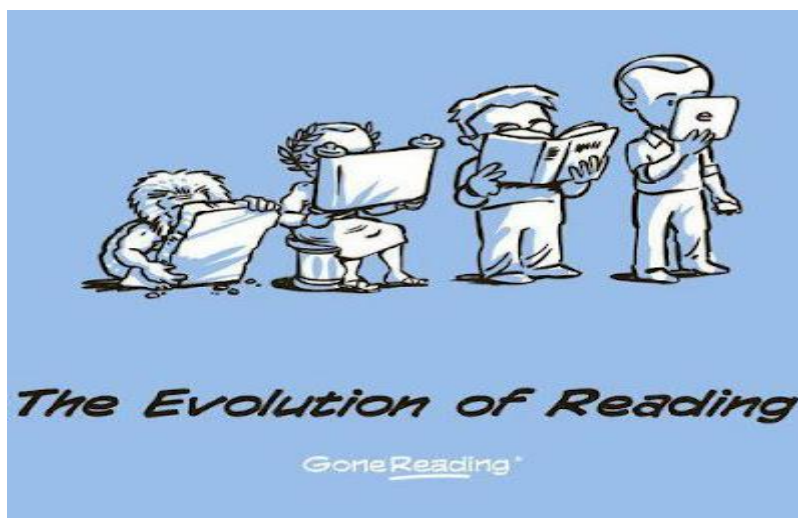
Como preconiza a 1ª lei do bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, os “livros são para usar”, no quadrinho acima, o livro é utilizado para outros fins, no caso como um alimento, não sendo esta a finalidade do mesmo, devendo este último ser preservado para que outros usuários possam ter acesso e utilizá-lo. Cada usuário apresenta uma necessidade de informação diferente e isso também é ilustrado no quadrinho acima, no que se refere às temáticas do livro: esoterismo, suspense e auto-ajuda; sendo que o bibliotecário deve estar atento para suprir essa necessidade.

Assim, cada leitor se interessará por alguns assuntos; os conjuntos de leitores formarão nichos, que serão centro de demanda por livros, e se dirigirão às

livrarias e bibliotecas. Há mais de um milhão de pontos de distribuição no mundo. Aos profissionais que atuam nesse extremo de cadeia devem ser capazes de oferecer aos leitores as obras que correspondem aos seus interesses. [...] (EARP, 2005, p.16).

h) a evolução do livro

FIGURA 8



Fonte: [http://4.bp.blogspot.com/-](http://4.bp.blogspot.com/-QY6WeWEXDPM/T_stT3Kc54I/AAAAAAAAABDc/27TQPhXWKhE/s1600/5.jpg)

[QY6WeWEXDPM/T_stT3Kc54I/AAAAAAAAABDc/27TQPhXWKhE/s1600/5.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-QY6WeWEXDPM/T_stT3Kc54I/AAAAAAAAABDc/27TQPhXWKhE/s1600/5.jpg)

O quadrinho acima apresenta a evolução de um registro do conhecimento, da tábua de argila ao e-book e “acredita-se que a evolução do livro para o formato digital também possa acarretar numa evolução da leitura.” (ARAÚJO et al, 2013, p. 15) No entanto, de acordo com Araújo (2013) a mudança de suporte não acarreta mudança no conteúdo, sendo que o mesmo assunto que foi escrito na tábua pode ser registrado em outros suportes.

i) sebo de e-books

FIGURA 9



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search?updated-min=2012-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2013-01-01T00:00:00-02:00&max-results=30>

No quadrinho apresenta o cenário de um sebo, local onde acontece a venda, troca e compra de livros usados, geralmente por baixo custo, exceto os livros autografados e os que já não estão mais disponíveis em livrarias, ou apresentem alguma características que o valorize. No que diz respeito à cena acima, nota-se que independente da situação de conservação que o e-book esteja, há detalhes que o destacam, como a assinatura do Steve Jobs⁴ (fundador da Apple), diferenciando assim dos demais e-books expostos a venda.

Nesse contexto, Earp (2005, p. 145) considera que:

[...] toda a discussão sobre os livros digitais, por mais importante que seja (e é), só pode ser encetada em termos prospectivos quanto às formas que esse possível mercado assumirá no futuro, tanto no que diz respeito à adoção de tecnologias quanto ao modelo de negócios.

Desta forma, o quadrinho apresenta uma concepção futurista, pois assim como há sebo de livros impressos, e estamos vivendo o boom dos e-books, é vislumbrada a possibilidade de no futuro haver sebos de e-books.

5.2.2 Quadrinhos representando a biblioteca

a) biblioteca especializada

FIGURA 10



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Coisa%20de%20Louco>

Este quadrinho apresenta a Biblioteca especializada, unidades deste tipo “surgiram com o extraordinário desenvolvimento da ciência e da tecnologia” (FONSECA, 2007, p.53).

⁴ Steven Paul Jobs foi um inventor e empresário americano com pleno destaque no setor de tecnologia da informação e comunicação (TIC), revolucionando a criação de computadores pessoais, filmes de animação, música, telefones, tablets e **publicação digital**.

Na biblioteca de medicina ilustrada acima, faz uma analogia do apêndice do livro ao apêndice do corpo humano, solicitando que os usuários não o removam. O apêndice, segundo a NBR 14724 – Trabalhos Acadêmicos (2011), é um texto ou documento elaborado pelo autor, a fim de complementar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho.

b) biblioteca pra todos?

FIGURA 11



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/F%C3%A1bio%20Turbay>

Neste quadrinho nota-se a ausência de biblioteca na zona rural, dificultando assim aos moradores dessa área, o acesso à informação. Desta forma, os sítiantes quando precisam utilizar uma unidade de informação, se deslocam para zona urbana.

Milanesi (2003, p.230) nos adverte que:

Como o público potencial é heterogêneo, o serviço também deverá ser; como essa heterogeneidade se relaciona com a própria geografia do município, o serviço não deverá se espalhar pela urbe e adjacências por meio de ramais e outros braços que servirão à periferia e áreas rurais. Cada extensão terá o perfil da necessidade do local onde for possível fazer-se presente.

Para suprir esta necessidade alguns bibliotecários e outros profissionais, desenvolvem projetos de extensão da leitura para levar livros até a zona rural, levando livros em carroças e em lombos de animais, carros e caminhões biblioteca, cumprindo assim o compromisso de viabilizar o acesso ao conhecimento.

Em Aracaju – Sergipe, podemos destacar o Projeto BiblioSesc, uma biblioteca volante na qual os livros ficam armazenados dentro de um caminhão baú e são levados para as comunidades carentes da cidade, onde não se têm bibliotecas e o acesso a estas é difícil. Os usuários do BiblioSesc podem se cadastrar gratuitamente para a retirada de livros, sendo que o

prazo pra devolução é de 15 dias, podendo o livro ser renovado no momento que o caminhão retorna para a comunidade, transcorridos esses dias.

c) refúgio para aquisição de conhecimento

FIGURA 12

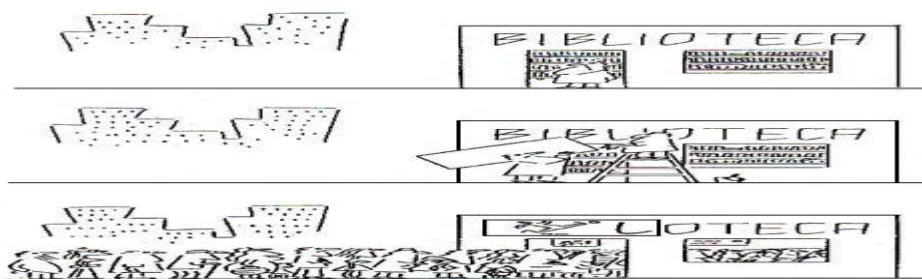


Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Gente%20como%20a%20gente>

Nesse quadrinho percebe-se a preocupação do personagem com algo que o aflige e com isso, o mesmo vai à biblioteca em busca de um refúgio e para aquisição de conhecimento visando suprir a sua necessidade de informação, bem como vencer o obstáculo que encontra na sua vida pessoal. Milanesi (2003, p. 235) corrobora com a afirmação anterior, assinalando que a biblioteca “é a base sobre a qual o indivíduo amplia o nível de seu conhecimento e permite avançar sem limites, é um núcleo que se expande ao infinito e do qual deriva uma série de ações”.

d) estratégia para atrair o usuário

FIGURA 13



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Canini>

O quadrinho acima apresenta uma forma interessante de atrair o usuário, o personagem faz um trocadilho com as letras da palavra biblioteca, até induzir o público que ali é uma loteca (local onde se faz jogos da loteria) e assim com essa estratégia de biblioteca/loteca, esta última acabou ficando lotada de usuários.

Diante desse cenário, observa-se que o marketing se torna imprescindível para a aproximação da empresa com seus clientes. As organizações dependem de informações atualizadas e, de valor para tomada de decisões, portanto a adoção de estratégias de marketing em serviços de informação será de grande valia tanto para a instituição quanto para os consumidores.(SILVA, 2008, p. 3)

Apesar da estratégia ter alcançado seu objetivo, na realidade não podemos transformar a biblioteca numa loteca, mas enquanto profissional da informação, podemos desenvolver mecanismos para atrair usuários a unidade de informação, tais como atividades lúdicas como contação de histórias, cinema na biblioteca, sarau literário, premiação do leitor mais assíduo da biblioteca, entre outras.

e) a biblioteca e as necessidades de seus usuários

FIGURA 14



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Mike%20Peters>

Na cena acima, o personagem que representa o usuário, busca na biblioteca, um livro que ele possa enfiar nos dentes, mas parece que não tem na unidade um livro que atenda a necessidade dele. Em um sentido cômico na representação desse quadrinho, pressupõe-se que o vampiro se alimenta do conhecimento registrado através de seus dentes, por sua vez, há pessoas que o absorvem por meio de áudio, toques e outros.

No cotidiano das unidades de informação, vários portadores de necessidades especiais buscam informações em suportes que atendam suas necessidades, por exemplo: os deficientes visuais procuram a biblioteca em busca de livros em Braille, os surdos necessitam de informações em Libras, entretanto será que todas as bibliotecas estão capacitadas pra atender ao universo de portadores de necessidades especiais?

Segundo Sasaki (1997, p. 30), a “inclusão seria o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais, as pessoas com necessidades especiais, a fim de que estas possam assumir seus papéis na sociedade.”

f) a biblioteca vítima de vandalismo

Figura 15



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Bob%20Thaves>

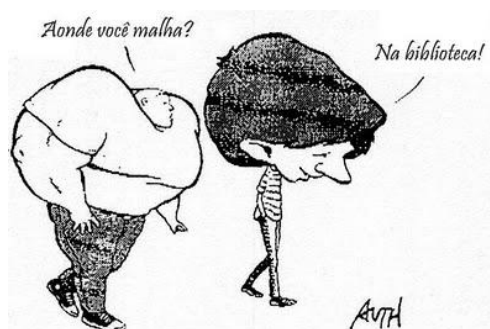
Atualmente, todos os espaços sofrem vandalismo, e na biblioteca não seria diferente. O fato é que o vandalismo existente na unidade de informação, e é realizado pelos próprios usuários, os quais depois acabam sendo vítimas de si mesmo ou prejudicam os demais usuários que necessitam daquele suporte da informação.

Segundo Martins et al (2010) a preservação de documentos em bibliotecas exige planos ou programas direcionados para o estabelecimento de ações educativas de formação dos usuários, a serem desenvolvidas no sentido de combater hábitos que são prejudiciais aos livros, pois favorecem o seu desgaste ou os danificam seriamente.

Muitos usuários ao invés de transcreverem a informação que necessitam de uma determinada obra, decidem por arrancar páginas do livro, prejudicando assim a leitura de outros usuários que necessitam do material completo e em bom estado. A promoção de programas de educação de usuários, visando a conscientização desses últimos, quanto a preservação dos livros e outros suportes da informação, podem minimizar esse problema.

g) a biblioteca como local de exercício do pensar

FIGURA 16



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search?updated-min=2012-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2013-01-01T00:00:00-02:00&max-results=30>

No quadrinho acima, a biblioteca é vista como local onde as pessoas vão exercitar o pensar, conseqüentemente à essa prática, desenvolve-se a cognição e a intelectualidade de uma forma imensurável. Nesse contexto, vale frisar que para Milanesi (2003, p. 235) “o conhecimento humano é produzido a partir do acúmulo do conhecimento anterior preservado.” E o local mais adequado para assimilar este conhecimento pode ser a unidade de informação, conforme ilustra o quadrinho acima.

h) qual o objetivo da biblioteca?

FIGURA 17



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Charles%20Schulz>

No quadrinho acima, um personagem apresenta a biblioteca para outro personagem, o qual fica desconfiado pelo fato de a biblioteca prestar serviço gratuito, e ele se pergunta qual a pretensão desta unidade de informação.

Por desconhecimento ou desinformação, muitas pessoas desconhecem os benefícios que as bibliotecas proporcionam, no oferecimento de produtos e serviços de informação gratuitamente, fatores que podem limitar a sua frequência e uso. Dessa forma, Araújo, Silva e Silva (2011) ressaltam que as ações de marketing direcionadas para produtos e serviços de informação em qualquer espaço e para qualquer utilidade podem promover o acesso ao

produto/serviço/informação, já que a sociedade precisa conhecê-los para despertar o interesse pelo seu acesso/uso.

i) Calvin em busca de um livro “específico”

FIGURA 18



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Calvin%20e%20Haroldo>

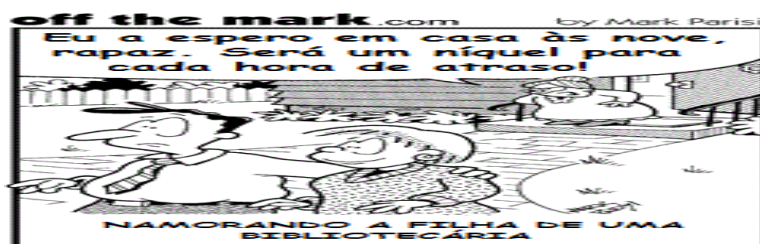
Os quadrinhos acima apresentam um personagem em busca de um livro com determinada temática, sendo que este usuário não se satisfaz, ao saber que naquela unidade de informação não há nenhuma obra sobre o que ele deseja ler, e assim ele se questiona sobre a questão da biblioteca não disponibilizar o acesso ao documento que este precisa.

Essa situação nos faz lembrar da seleção de materiais para a biblioteca de acordo com o estudo de usuários, como também nos faz lembrar a situação do bibliotecário como filtro da informação, ou seja, conhecimentos que podem promover desordem na sociedade geralmente é refutado pela unidade de informação. E ainda, vale ressaltar que “as considerações quanto às características do usuário real ou potencial estão diretamente ligadas à definição do benefício que cada material incorporado ao acervo poderá trazer à comunidade a que biblioteca almeja servir.”(VERGUEIRO, 2010, p.13).

5.2.3 Quadrinhos representando o bibliotecário

a) vida bibliotecária fora do ambiente de trabalho

FIGURA 19



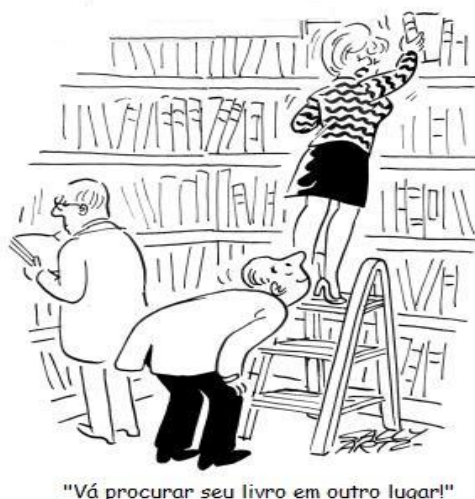
Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Mark%20Parisis>

Este quadrinho demonstra que o estereótipo da bibliotecária perpassa seu ambiente de trabalho, ela aparece no ambiente familiar com as mesmas características que são associadas a ela, coque no cabelo, óculos e criteriosa com prazos, não perdoando financeiramente a atraso do que quer que seja. Esses estereótipos do bibliotecário,

[...] independente de serem certas ou erradas as imagens guiam comportamentos e isso implica afirmar, que a visão que uma pessoa ou grupo social tem sobre o bibliotecário ao ser compartilhado socialmente, influencia e dirige a maneira de pensar e agir de outras pessoas em relação a este profissional. (SANTOS, 2011, p. 4)

b) o usuário curioso e a Bibliotecária

FIGURA 20



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search?updated-min=2012-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2013-01-01T00:00:00-02:00&max-results=30>

No quadrinho acima, vemos a indignação da bibliotecária, em decorrência do comportamento inadequado do usuário quando esta última está guardando um livro na estante. Embora tenhamos a representação cômica na leitura do quadrinho, dentro do contexto da Biblioteconomia e no fazer dos profissionais da informação, estes últimos devem aguçar a curiosidade dos usuários, levando-se em conta a multiplicidade de fontes e serviços de informação que os auxiliam na busca e recuperação da informação, e devem despertar o gosto e a curiosidade pela leitura, sendo ideal que esta comece na mais tenra idade. Para Hillesheim e Fachin (2004) cabe aos profissionais da área, aproveitarem esses momento de curiosidades e despertar em cada um o hábito da leitura, o uso pela biblioteca, a pesquisa e busca de informação e o reconforto se sentir-se saciado, de ter descoberto, de ser informado.

c) em busca de um perfil para a área de Referência...

FIGURA 21



Fonte: <http://biblicomics.blogspot.com.br/search/label/F%C3%A1bio%20Turbay>

Na análise do quadrinho acima, além de apresentar o lazer, representado pelo futebol, temos também dois equipamentos culturais: o cinema e a biblioteca, bem como a figura de uma possível bibliotecária, sem perfil para a área de Serviço de Referência e Informação, tendo em vista a sua insatisfação com uma usuária.

Dentro dessa perspectiva e considerando os aspectos psicológicos que influenciam o trabalho do bibliotecário quando este lida diretamente com o usuário, na qual vemos ilustrado no quadrinho, o balcão de referência, Witter (1986, p.33) é enfática, ao afirmar que:

As relações psicológicas entre usuários e bibliotecários são complexas e influenciadas por variáveis de cada um deles, além de estarem sujeitas às influências do ambiente. O comportamento do usuário tem alguma influência no do bibliotecário e vice-versa, podendo conduzir a um relacionamento muitas vezes não positivo para ambos. Para tornar essas relações mais adequadas, é necessário planejar, para modificar não só o comportamento de usuários e de bibliotecários, mas também o currículo usado para formação do bibliotecário.

d) a entrevista de referência

FIGURA 22



Fonte: <http://biblicomics.blogspot.com.br/search/label/David%20Berg>

Na entrevista de referencia o usuário nem sempre sabe o quer, e aí cabe ao bibliotecário tentar compreender e atender a necessidade informacional deste. Neste serviço, a orientação e auxílio ao usuário “compreende as atividades exercidas face a face com o usuário visando facilitar o acesso às coleções e a facilidade na utilização dos demais recursos que a biblioteca ofereça, como os catálogos, bases, acesso à Internet etc”. (MACIEL; MENDONÇA, 2006, p. 36)

e) o bibliotecário não leitor

FIGURA 23



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Bill%20Rechin>

Este quadrinho mostra que o personagem que representa o bibliotecário não tem o hábito de ler, em decorrência da falta de tempo, contrariando assim uma das missões desse profissional: o incentivo a leitura.

No que concerne ao leitor-bibliotecário, Moura (2006, p. 30) aborda que:

A leitura, atividade fundamental no processo de trabalho desses profissionais, pressupõe um articulado movimento de interação entre o leitor e o texto a ser incorporado ao sistema. E isso não ocorre sem o grau de subjetividade de corrente do processo interpretativo, visto que a trajetória dos bibliotecários, no mundo da leitura é talhada pela profissão.

f) vida de aposentado

FIGURA 24



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Ant%C3%B4nio%20Silv%C3%A9rio>

O quadrinho demonstra mais uma vez que o estereótipo do bibliotecário perpassa o ambiente de trabalho, mantendo suas características até mesmo quando este se aposenta, independente se está cuidando de livros ou realizando outra atividade, ela aparece pedindo silêncio, com o famigerado coque no cabelo e óculos fundo de garrafa. Dentro desta assertiva, “neste sentido, o imaginário coletivo tem efetuado a construção de estereótipos do bibliotecário a despeito de suas características e atitudes julgadas como verdadeiras e compartilhadas por determinados grupos.” (SANTOS, 2011, p.4).

g) bibliotecário de férias

FIGURA 25



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Bill%20Rechin>

O silêncio, dentro do âmbito do senso comum, é sempre associado à profissão de Biblioteconomia e no caso o quadrinho acima demonstra que fora do universo das unidades de informação, o comportamento do bibliotecário é diferente, o que por fim, acaba não desconstruindo a imagem equivocada deste profissional em sua atuação em unidade de informação. Desta forma, Silveira (2008, p. 87, grifo nosso) assinala que “De Alexandria ao início do século XX, a atividade dos bibliotecários se caracterizou pelo silêncio, pela solidão e pelas ardilosas práticas de organização do conhecimento.”

h) o problema da desinformação do usuário

FIGURA 26



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Gente%20como%20a%20gente>

No quadrinho acima, o personagem apresenta o bibliotecário como o profissional que pode ajudar nas pesquisas na biblioteca, no entanto, ao mesmo tempo ele reclama da qualidade do serviço prestado por este profissional. Entretanto este personagem está equivocado, pois ele não tem discernimento sobre a obra que ele está solicitando e reclama pela falta de ajuda do profissional da informação. Nesse contexto, considera-se que “[...] as pessoas não só precisam encontrar o que desejam, mas precisam desejar o que, de fato, precisam.” (MILANESI, 2003, p. 228).

No caso ilustrado acima, o Bibliotecário de Referência, como aquele profissional considerado o mediador entre a informação e o usuário e que mantém o contato mais próximo com este último, nunca deve dizer “Não” ao usuário, quando este necessita de uma informação, mesmo que este usuário não saiba ao certo o que necessita ou esteja desinformado, sendo que o bibliotecário deve orientá-lo e direcioná-lo a outra fonte de informação, caso a sua biblioteca não possua a obra ou corrigi-lo quando a informação apresentada está errada.

i) bibliotecário extravazando as energias...

FIGURA 27



Fonte: <http://bibliocomics.blogspot.com.br/search/label/Bill%20Rechin>

O quadrinho apresentado acima faz uma alusão de forma cômica, ao trabalho do bibliotecário, como algo moroso e silencioso, sem muita dinamicidade, necessitando este último, de uma mudança de postura, representado no caso, pelos “momentos de loucura.” A necessidade de uma postura profissional dinâmica e criativa, pode ser o diferencial de uma unidade de informação, tornando-a mais atrativa, em detrimento ao fazer profissional do bibliotecário quando este se limita aos serviços meio (formação, desenvolvimento e

organização de coleções). Desta forma, Costa, Ramalho e Silva (2003, p. 153) asseveram que “[...] num tempo de estruturas e instituições sociais mutantes, exigentes de perfis e competências profissionais dinamicamente transformados, o profissional bibliotecário deve estar atento a estes novos paradigmas.”

A seguir apresentaremos as “Considerações finais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação da informação se configura como uma das principais atividades do fazer biblioteconômico. Um documento representado de forma adequada em um sistema de recuperação da informação impresso ou eletrônico, otimiza o processo de busca e recuperação da informação pelo usuário.

A Biblioteconomia é movida por informação, a qual está presente em diversos suportes e formatos. Entretanto, o livro é um dos elementos mais associados a esta área do conhecimento, pois este sempre esteve inserido na sociedade, seja em suporte mineral, animal ou vegetal, nos suportes impressos ou em meio eletrônico, ele perpassa todas as épocas e se adéqua as tecnologias vigentes.

Os quadrinhos são veículos de disseminação da informação, de extrema importância no campo da representação, pois o mesmo está presente na sociedade desde a época em que os homens viviam em cavernas e nelas faziam desenhos de suas caçadas e outras experiências, representando assim o seu cotidiano.

Apesar das histórias em quadrinhos terem enfrentado preconceitos pelas pessoas mais letradas, que consideravam os quadrinhos uma leitura desqualificada, não digna de admiração por intelectuais de determinada época, hoje os quadrinhos são fontes de informação importantes no processo de formação de leitores e na disseminação da informação, de forma prazerosa e lúdica, sobre um determinado assunto, inserido no contexto da vida cotidiana, representando diferentes áreas do conhecimento, como é o caso dos quadrinhos do Bibliocomics, que representam vários elementos das áreas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

A análise dos quadrinhos do Bibliocomics nos mostra que estes são capazes de divulgar características inerentes a Biblioteconomia, delineando aspectos culturais e sociais dos elementos livro, biblioteca e bibliotecário. A maioria dos quadrinhos postados neste blog consegue expressar aspectos reais da Biblioteconomia, no que concerne aos elementos: livro, biblioteca e bibliotecário.

Contudo, no que se referem aos quadrinhos do Bibliocomics, eles abordam o livro, a biblioteca e o bibliotecário da seguinte forma:

O livro é visto como um objeto presente no contexto social, e que este passou por uma revolução tecnológica, sendo que hoje temos diferentes tipos de suportes para o mesmo, no qual o acesso pode ser tanto pelo material impresso, disponível nas unidades de informação,

como também em linha, através dos e-books, ou por *tablets*⁵, *ipads*⁶, *iphone*⁷ e etc. Nos quadrinhos analisados, o livro é tido como recurso para o desenvolvimento cultural e intelectual, podendo ser socializado, emprestado, de acordo com a predileção dos usuários quanto à temática do mesmo.

No entanto, há pessoas que não reconhecem a importância deste e por isso o usam inadequadamente não reconhecendo a sua importância para aquisição de conhecimento. Segundo Nardon (2010), em sua obra “O preço do livro no Brasil”⁸, o mesmo no nosso país é caro, representando uma barreira financeira para aqueles que pretendem adquiri-lo por compra. Porém existem diversos sebos e feiras do livro, com preço mais acessível e as nossas bibliotecas e centros de documentação, onde este último pode ser adquirido gratuitamente, através do empréstimo. É importante ressaltar também que o Brasil figura como um dos países com os piores índices de leitura, devido à predileção dos brasileiros por outras formas de entretenimento, muitas vezes mais caras, em detrimento à aquisição de um livro por compra.

A biblioteca é vista como uma unidade informacional de imperioso valor cultural para sociedade, sendo representada nos quadrinhos analisados como um refúgio para adquirir conhecimento e um espaço democrático. Esta deve se adequar as necessidades informacionais do público que a frequenta, seja este especializado ou não, visando também à divulgação dos seus produtos e serviços de informação, bem como a aplicação de estratégias para atrair leitores e implantar programas de educação de usuários, para que estes últimos utilizem de forma correta o acervo.

No que diz respeito ao bibliotecário, os quadrinhos focam-se no perfil deste, baseando-se nos estereótipos tradicionalmente conhecidos, nos quais infelizmente vem caracterizando há décadas este profissional, sendo este último representado como uma senhora ou um senhor austero, idoso, com óculos fundo de garrafa e que vive pedindo silêncio. No entanto, esta visão da profissão de bibliotecário está mudando, tendo em vista que nos quadrinhos é possível identificar a imagem do bibliotecário com o perfil mais descontraído e preocupado em atender de forma satisfatória o usuário, que nem sempre sabe ao certo o que procura em

⁵ Dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, **leitura de livros**, periódicos e para entretenimento.

⁶ É um dispositivo em formato de tablete, com as mesmas funcionalidades do *tablet* e produzido pela Apple.

⁷ Dispositivo produzido pela Apple com câmara digital, internet, mensagens de texto (SMS), conexão wi-fi local e suporte a videochamadas, podendo ser utilizado também para baixar arquivos como livros e outros documentos.

⁸ NARDON, Cláudia Neves. **O preço do livro no Brasil**. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 2010. 22 p. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>, Acesso em 15 de fevereiro de 2014.

uma unidade de informação. A imagem estereotipada não condiz o perfil atual que esse profissional assume.

Notamos também que na atuação deste profissional na prática, deve-se ter um perfil adequado para se trabalhar nos serviços fins da biblioteca, pois este último corresponde a todas as atividades do Serviço de Referência e Informação (SRI) da biblioteca, a saber: atendimento, circulação, comutação bibliográfica, educação e estudo de usuários, divulgação dos produtos e serviços de informação, entre outros. O SRI é o cartão de visita de toda a unidade de informação, sendo que o profissional que trabalha nesta área deve ter facilidade em lidar com o público, que necessita de informação rápida e confiável.

No entanto, esta pesquisa instigou na autora, perspectivas de estudos futuros, com a pretensão de aprofundamento no que diz respeito ao perfil do bibliotecário representado em charges ou filmes, observando a sátira e a crítica em relação às características comuns e estereotipadas dos bibliotecários em relação ao perfil atual destes profissionais.

E assim, espera-se que este trabalho contribua para a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, em especial para a linha de pesquisa 4 (quatro) : “Produção e Organização da Informação” e que suscite maiores discussões sobre a temática abordada.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO et al, Junqueira Wagner. Elementos tecnológicos de edição, manipulação e uso dos livros digitais. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v.23, p.13-25, jan./abr. 2013. Disponível em 20 de fevereiro de 2014 <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/12969/9260>>
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga; DIAS, Guilherme Atayde. A atuação profissional do Bibliotecário no contexto da sociedade de informação os novos espaços de informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Cap. 6
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das Bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Cap.2.
- ARAÚJO, Walqueline da Silva. SILVA, Márcia Bezerra da. SILVA, Alzira Karla Araújo. O uso do marketing na comunicação de produtos e serviço sem usuários em unidades de informação: o caso da seção de multimeios da biblioteca central da UFPB. **Biblioline**, João Pessoa, v.7, n.2, p. 73-88, 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação: Trabalhos acadêmicos: Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.
- BARBALHO, C. R. S. Regimes de visibilidade das práticas do profissional bibliotecário. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download>>. Acesso em: 30 jul.2013.
- BARBOSA, Alice Príncipe. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978.
- BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores**: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da informação) – Escola de Comunicação e Artes, São Paulo. 2008
- BARROS, Maria Helena Toledo de. **Disseminação Seletiva da Informação**: entre a teoria e a pratica. Marília, s. n, 2003
- CASSARES, Norma Cianflone; TANAKA, Ana Paula Hirata (org.) **Preservação de acervos bibliográficos**: homenagem à Guide Mindlin. São Paulo: Associação Brasileira de Encadernação e Restauro, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Halls, 2007.
- CINTRA, A. M. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2ª Ed. ver. Ampl. São Paulo: Polis/APB, 2002
- CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

COSTA, C. G. da; BORTOLIN, S. A Terceira Idade e as ações de leitura dos bibliotecários de duas instituições. In: **II Seminário em Ciência da Informação**, 2007, Londrina. II Seminário em Ciência da Informação - Gestão da Informação. Londrina: UEL/Departamento de Ciência da Informação, 2007.

COSTA, Luciana Ferreira da; RAMALHO, Francisca Arruda; SILVA, Alan Curcino Pedreira da. Pela (IN) Formação Profissional: necessidades e perspectivas dos estudantes de graduação em Biblioteconomia/UFPB, em seu processo de conclusão. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 13, n.2, p.151-172, jul./dez.2003.

COSTA, Robson Santos; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. A construção de sentido na informação das histórias em quadrinhos. DataGramaZero. **Revista de Ciência da informação**. V.10, n. 2, abr/09.

EARP, Fábio Sá. A economia da cadeia produtiva do livro. Rio de Janeiro: BNDS, 2005.
FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FURGERI, Sérgio. **Representação de informação e conhecimento**: estudo das diferentes abordagens entre ciência da informação e ciência da computação. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. PINHO, Fabio Assis. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (O.R.C.). In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de. (Org.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora; Marília: Fundepe Editora, 2008. p. 67- 86.

HILLESHEIM, A. I. A. ; FACHIN, G. R. B. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB (Florianópolis)**, Florianópolis, v. 8/9, p. 35-45, 2004.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2ª Ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE COADIC, Yves Francois. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda F.S. de Figueiras Gomes. 2ª Ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEITÃO, Barbara Julia Menezello. **Avaliação qualitativa e quantitativa numa Biblioteca Universitária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

LIMA, José Leonardo Oliveira; ALVARES, Lilian (Org.). Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, Lilian (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012. Cap. 1. p. 21-48.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

MARCONDES, Carlos Henrique. Representação e economia da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v.30, n.1, p.61-70, jan./abr.2001.

MARTINS, Ana Lúcia. et al. Preservando o saber educando o usuário: A experiência do sistema de biblioteca da UFC. XVI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. II Seminário Internacional de Bibliotecas Digitais-Brasil. **Anais...** Rio de Janeiro: 2010.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2005.

McGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos. 1999

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naiara Chistofolletti. **Catálogo no Plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção: biblioteca centro cultural**. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio. **O conteúdo da imagem**. Tradução Lulah Santiago Bufrem. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Tradução: Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002.

MOTA, Francisca Rosaline Leite; OLIVEIRA, Marlene de. Formação e atuação profissional. In: OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Cap. 5.

MOURA, Maria Aparecida. Leitor- bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da intersubjetividade em processos de representação informacional. In: NAVES, Madalena Martins Lopes; KUROMOTO, Hélio. (org.) **Organização da informação princípios e tendências**. Brasília, 2006. Cap. 2

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Cap. 1.

PIEDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PRADO, Heloísa de Almeida. **Organização e administração de bibliotecas**. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada: aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Trad. de Dom Marcos Barbosa. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SANTOS, Maricelia Ferreira dos Santos. Tirinhas de Humor: a imagem do profissional Bibliotecário nas histórias em quadrinhos. In: XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Maceió, 2011. **Sistemas de informação, multiculturalidade e inclusão social**. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxivqpaper/download>> Acesso em: 01 ago 2013.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, Divina Aparecida da. ARAUJO, Iza Antunes. **Auxiliar de biblioteca, técnicas e praticas para formação profissional**. 6. ed. Brasília: Thesaurus. 2009

SILVA, Jonathas Luiz. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia**: perspectivas históricas e objeto de estudo. 2ª Ed. Recife: Ed. do Autor, 2012.

SILVA, Milena Celere de Souza. Marketing em Bibliotecas Universitárias. In: XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. **Anais...** São Paulo, 2008.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento. O bibliotecário como agente histórico: do humanista ao Moderno Profissional da Informação. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v.18, n.3, p.83-94, set./dez.2008.

SIMÕES, Marco Antonio. **História da leitura: do papiro ao papel digital**. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**. 3ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro; OLIVEIRA, Gêisa Fernandes de. De discursos não competentes a saberes dominantes: reflexões sobre as histórias em quadrinhos no cenário brasileiro. **Revista Iberoamericana**. V. LXXVII, n. 234 enero-marzo, 2011, p.135-148.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero**. Revista de Ciência da Informação. v.6, n2, abril, 2005. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr05/Art_04.htm#Autor> Acesso em 01 ago 2013.

WITTER, Geraldina Porto. Aspectos psicológicos no relacionamento bibliotecário e usuários. **CI. Inf.**, Brasília: p. 33-37, jan./jun.1986.